www.autoresespiritasclassicos.com

J. Herculano Pires

O Sentido da Vida



Frederic Church
Aurora Boreal

Conteúdo resumido

Somente a concepção espírita, aliás comprovada pela observação, que nos fala da imortalidade pessoal, oferece ao homem a visão real do seu destino, e mais do que isso, da sua responsabilidade em face da vida e do mundo.

Neste título o autor considera o poder moralizador do espiritismo, assinala todas as lições da vida, pelas conseqüências do bem e do mal que torna palpável. A força moral, a coragem, as consolações que ele dá nas aflições, por uma inalterável confiança no porvir, pelo pensamento de ter cada um junto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles, a certeza, enfim de que tudo quanto se fez, até a última hora da vida, não fica perdido.

Sumário

Sobre o Autor 4
O Sentido da Vida 5
A Formação do Homem 8
Deus e o Homem 11
Negativas da Ciência 14
Cérebro e Espírito 17
Materialismo e Idealismo 21
Novo Panteísmo “Realista” 24
Imortalidade Pessoal 28
Sobrevivência e Imortalidade 35
Do Empirismo à Ciência 40
Sociologia Espírita 46
Espiritismo e Cristianismo 52
Amar a Deus 63
Conclusões Práticas 66
Súmula Espírita 77
Síntese Final 87

Sobre o Autor

José Herculano Pires foi o que podemos chamar homem múltiplo. Em todas as áreas do conhecimento em que desenvolveu atividades – dentro e fora do movimento doutrinário – sua inteligência superior, iluminada pela doutrina espírita e pela cultura humanística, brilhava com grande magnitude, fazendo o povo crescer espiritualmente. Herculano Pires foi mestre em Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia de Araraquara e membro da Sociedade Brasileira de Filosofia. Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e fundador do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, que presidiu por longos anos. Diretor da União Brasileira de Escritores e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. Presidente do Instituto Paulista de Parapsicologia (...). E, o que é mais importante: espírita desde os vinte e dois anos de idade, ninguém no Brasil e no estrangeiro mergulhou tão fundo nas águas cristalinas da Codificação Kardeciana e ninguém defendeu mais e com mais competência do que ele a pureza doutrinária (...)

(Do livro
J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec,
de Jorge Rizzini)

O Sentido da Vida

O fardo da existência torna-se demasiado pesado para a criatura humana, quando, vencendo os primeiros anos de ilusão e de fácil entusiasmo, ela se encontra envolvida na dura e monótona rotina cotidiana. Os dias e as noites se tornam iguais, ou variam muito pouco, e não raro da pior maneira. Sobrevém para o homem o cansaço das obrigações que o escravizam, o perigo constante da doença, do desemprego, dos acidentes e da morte, para ele mesmo e para os que lhe são mais caros, a incerteza dos dias futuros e a angústia das dificuldades financeiras.

Os ricos, bem aquinhoados pela fortuna, despreocupam-se de muitas dessas coisas, que pesam mais fortemente na vida obscura de milhares de pobres, de milhares de pessoas que vivem do suor de seu próprio rosto. Mas, mesmo para eles, a vida reserva o seu quinhão de desilusões e de amarguras. E não raro ela se torna tão amarga, através das dificuldades de família, das lutas inglórias com amigos e parentes, das decepções de toda espécie, que o homem aparentemente felizardo, senhor de grandes fortunas, se enche de tédio e procura uma saída no suicídio ou nas dissipações e no tumulto das paixões impuras.

Os cientistas e os artistas, dizia Goethe, empenham-se no caminho de suas conquistas e realizações, e de nada mais precisam. Os religiosos apegam-se à fé e conseguem superar os próprios dissabores. Entretanto, se analisarmos melhor esses velhos conceitos, à luz das experiências reais, veremos que nem a Ciência, nem a Arte, a Filosofia ou a Religião conseguem de fato salvar o homem do vazio da vida, quando esse vazio se lhe apresenta em todo o seu horror. O estímulo de viver, que esses ramos do conhecimento humano conseguem despertar, pode também esgotar-se, levando o cientista, o artista, o filósofo e o religioso ao desespero e à descrença.

Diante disso, procuram os homens construir várias espécies ou sistemas de explicações para a vida. Numerosos livros foram escritos, milhares de conferências são diariamente pronunciadas,

no intuito de tornar suportável a existência para todos, aplainando o escarpado caminho dos desiludidos e descrentes.

Desses sistemas, há um que podemos chamar de heróico. É o materialista, que explica a vida como uma fatalidade natural a que não podemos fugir e que devemos enfrentar com energia e serenidade, sem nos atemorizarmos e sem cometermos a franqueza de uma deserção. Belo sistema para as almas fortes, dotadas da intuição inata de que a vida tem um objetivo oculto, embora intelectualmente o neguem. Mas de que serve todo o heroísmo desse sistema para a grande massa do povo, que não tem disposição para o heroísmo? Se nos fosse possível tornar materialista um povo inteiro, toda uma nação, veríamos a que extremos de desespero e de loucura esse belo sistema nos levaria.

Há um sistema que poderíamos chamar de superficial, e que se enquadra, na filosofia clássica, na corrente do ceticismo, que nos vem do filósofo grego Pirron (aproximadamente 360-270 a.C.). Este sistema nada explica nem quer explicar. Limita-se a considerar a vida como um fato consumado, diante do qual não nos resta fazer outra coisa senão suportá-la. Para os temperamentos frios, naturalmente indiferentes e egoístas, ele pode servir. Mas há momentos em que o próprio egoísta se vê apanhado num torniquete do qual não pode sair e não raro sente que o seu sistema de indiferença lhe escapa das mãos, deixando-o sozinho e desarmado diante do imenso mistério do mundo e da vida.

Há um sistema que chamaríamos de otimista, e que não se funda no pensamento de Epicuro porque é muito inconseqüente para ter as suas raízes em tão esplêndida fonte. Segundo ele, a vida é bela, o mundo é magnífico e o homem nasceu para gozar as delícias da vida e os esplendores do mundo. Quando, premido pela doença ou por qualquer outros motivos imperiosos, não pode satisfazer a esse objetivo único da existência, deve ele corajosamente estourar os miolos com uma bala ou atirar-se do último andar do mais elegante arranha-céu. Este sistema encontra, hoje, intérpretes mais ou menos avançados em certos ramos da chamada filosofia existencialista.

Mas há outro sistema, que se enquadra na estrutura doutrinária das várias religiões dominantes no mundo, segundo o qual o homem nasceu para sofrer e o seu destino é a dor, a amargura, a desesperança, a luta constante com as adversidades insuperáveis. É o sistema doloroso do misticismo exasperante, que o povo, entretanto, procura sempre dosar com sua esperança ilógica nos milagres e nas providências dos santos e dos anjos. Há um lema para este sistema, que todos nós conhecemos, e não raro repetimos, por força do hábito: "A felicidade não é deste mundo."

O Espiritismo, entretanto, ao surgir na Terra, em forma de filosofia e, portanto, de interpretação da vida, em meados do século XIX, opôs-se desde logo a todos esses sistemas. Negou que a vida não tenha objetivo nem significação, combateu a teoria do prazer material como finalidade da existência humana e manifestou-se contrário à idéia de que o homem nasceu para sofrer. Os espíritos que deram a Kardec a tarefa de codificar a doutrina ensinaram-lhe outro sistema, diferente de todos os anteriores. E abriram, com ele, perspectivas novas e mais amplas para a inteligência humana, horizontes mais vastos para o coração angustiado do homem terreno, que se debatia entre a crença empírica numa vida futura e a descrença científica, cada vez mais desesperada, em qualquer possibilidade de sobrevivência.

O Espiritismo renovou fundamentalmente a concepção humana da vida e do mundo, ensinando ao homem que ele não nasceu para gozar nem para sofrer, mas apenas para evoluir, para progredir, como tudo evolui e progride ao nosso redor, na natureza e na própria sociedade. A dor deixou de ser um castigo imposto ao homem pela absurda vingança de Deus contra o casal primitivo; o prazer deixou de ser o objetivo aceitável da existência corpórea e ambos, prazer e dor, passaram a ser meras decorrências de um processo mais amplo e mais complexo, em que o homem se acha envolvido, para crescer e se desenvolver, em espírito e verdade.

A Formação do Homem

O grande físico inglês, sir Oliver Lodge, escreveu uma pequena obra, sintetizando as conquistas da ciência e da filosofia, no terreno do conhecimento do homem em si mesmo, para concluir, de acordo com as novas perspectivas abertas pelo Espiritismo, em favor da tese renovadora de que o homem é ainda um processo em desenvolvimento. Essa tese contradiz os dogmas religiosos que definem o homem como obra consumada de Deus, mas não contradiz os ensinamentos mais profundos e mais antigos das escrituras sagradas, em que as religiões procuram assentar as suas bases, nem contradiz o resultado das modernas pesquisas científicas e a mais avançada concepção filosófica da origem e do destino do homem.

A teoria do transformismo, da evolução das espécies, de Charles Darwin, simultaneamente apresentada pelo grande botânico e zoólogo Alfred Russel Wallace, que mais tarde escreveu o seu famoso livro *Os Milagres e o Moderno Espiritualismo*, apresenta o homem como descendente direto de espécies inferiores, dos animais, e mais proximamente, do macaco.

Segundo essa teoria, o homem é um ser que vem sendo elaborado pela natureza através de longo processo, passando pelas mais variadas experiências biológicas, para chegar ao seu estado atual, e daqui avançar para frente. Assim, a vida não é mais do que um trabalho constante de elaboração, e o homem é o mais elevado produto desse esforço multimilenar de todas as forças conhecidas e desconhecidas do universo que habitamos.

A teoria da seleção das espécies e da origem animal do homem ainda não está cientificamente comprovada, mas é geralmente aceita como a única explicação razoável do aparecimento da espécie humana na Terra, do ponto de vista científico. Os teólogos das várias religiões cristãs, e ultimamente alguns teósofos e ocultistas, levantam objeções teológicas e filosóficas a essa teoria, mas todas elas destituídas de qualquer fundamento científico. A tendência geral da ciência moderna é favorável a essa

teoria e a maior parte dos biólogos a aceita e a endossa, sem qualquer restrição fundamental.

Há pessoas que entendem não ser possível tão estreito parentesco entre os homens e os animais, considerando tal fato depreciativo para a espécie humana. Puro e simples orgulho de um animal mais adiantado na escala evolutiva. E incoerência também, pois já não bastaria, para a satisfação desse orgulho, a suposição de que é o homem o máximo expoente do universo por ele habitado?

Em *O Livro dos Espíritos*, obra básica da doutrina, Allan Kardec deixou essa questão em aberto. Espírito cauteloso, que Flammarion chamou de *bom senso encarnado*, não quis o sábio professor de Lyon adiantar mais do que devia, no momento em que lançou aquele livro, já de si tão profundamente revolucionário. Deu, porém, as duas correntes de opiniões que havia encontrado no mundo dos espíritos, uma das quais favorável à origem animal do homem, e deixou a escolha a critério dos leitores. Em *A Gênese - os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, Kardec define, porém, a posição do Espiritismo, no capítulo X, referente à gênese orgânica, afirmando taxativamente:

> "Ainda que isso lhe fira o orgulho, o homem deve resignar-se a não ver no seu corpo material senão o último anel da vida animal na Terra. O inexorável argumento dos fatos aí está, contra o qual ele protestará em vão, mas, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, mais ganha em importância o princípio espiritual. Vemos o círculo em que se fecha o animal, mas não vemos o limite a que poderá chegar o espírito do homem."

Um dos grandes pioneiros e mestres do Espiritismo, que auxiliaram a tarefa esclarecedora de Allan Kardec, foi Gabriel Delanne. Com Léon Denis e Kardec, forma ele a trilogia dos construtores do moderno espiritualismo. Em sua obra *A Evolução Anímica*, dá-nos uma visão ainda mais ampla e minuciosa desse lento processo através do qual o homem vem sendo elaborado, na face da Terra. Darwin e os seus êmulos e seguidores apresentaram-nos o problema do ponto de vista exclusivamente orgâni-

co, materialista. O Espiritismo nos mostra a outra face da questão, e por certo a mais importante, que é a espiritual, uma vez que o homem é espírito e não matéria. Kardec e Delanne colocam-nos a par dos princípios de um novo ramo da ciência biológica, a *psicologia-fisiológica*, que sir Oliver Lodge estuda em seu trabalho sobre a formação do homem.

Toda a natureza é um imenso e penoso trabalho de construção. A geologia nos mostra a formação da Terra, através dos séculos e dos milênios, como um lento e laborioso desenvolvimento de forças latentes. Vemos, graças aos estudos e as pesquisas científicas já agora indiscutíveis, que as várias classes de seres vivos estão todas ligadas numa ampla cadeia, descendendo umas das outras. Por que estranho motivo apenas o homem seria uma exceção à regra geral? E que estranha exceção seria essa, em detrimento de si próprio, ao invés de engrandecê-lo? Sim, pois se o homem não se enquadrasse nesse vasto panorama da evolução terrena, que hoje podemos abarcar num golpe de pensamento, qual seria sua posição, num mundo de constante evolução? Tudo progrediria ao seu redor, menos ele, o enteado da criação, abandonado às suas próprias fraquezas e encerrado no estreito limite da vida orgânica, entre o berço e o túmulo.

Vemos, assim, que o Espiritismo nos apresenta um quadro geral do Universo como um processo contínuo de evolução. *Tudo flui e tudo se transforma*, já dizia Heráclito, de Éfeso. Nesse imenso processo, o homem representa, segundo o Espiritismo, o ponto culminante da natureza. Poderemos dizer que ele é o momento do Universo mais próximo de Deus.

Mas Ele – Deus – não foi esquecido ou diminuído por essa nova concepção da vida e do mundo? Deus não ficou à margem, dando lugar a um simples entrechoque de forças desconhecidas, para a produção do mundo e das formas vivas, no espaço e no tempo?

Deus e o Homem

As religiões apontam contra o Espiritismo aquilo que chamam de *a palavra de Deus*, citando os versículos do primeiro livro de Moisés, na *Bíblia*, a *Gênese*, que afirma haver Deus criado o homem à sua imagem e semelhança. De acordo com esse princípio, aparentemente bíblico, o homem tem de ser elemento à parte na criação, porque é a própria imagem de Deus colocado dentro do Universo. O Espiritismo nos mostra, porém, que esse conceito, ao invés de elevar o homem, diminui a Deus. Kardec nos diz, por isso mesmo, no número 12 do capítulo XII de *A Gênese*:

> "Não rejeitemos, pois, a Gênese bíblica; estudemo-la, ao contrário, como se estuda a história da infância dos povos".

Em *O Livro dos Espíritos*, livro básico da doutrina, encontramos a seguinte definição de Deus: *"... é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas."* Vemos, portanto, que Deus não foi esquecido, nem ficou à margem, mas continua colocado, com mais justeza e maior razão, na base de tudo quanto existe.

Comentando a teoria científica de que as coisas do Universo provêm das propriedades íntimas da matéria, sem intervenção de qualquer outro princípio, Kardec diz, nesse mesmo livro:

> "Atribuir a formação primordial das coisas às propriedades intrínsecas da matéria seria tomar o efeito pela causa, pois que essas propriedades são, por sua vez, efeitos que devem ter uma causa."

Sabemos, além disso, que a natureza do efeito decorre sempre da natureza da causa. Analisando o Universo, pelo que dele podemos aprender, vemos que seus efeitos são de natureza inteligente, e se entrosam de maneira tão harmônica, tão perfeita, que só podem decorrer de uma causa inteligente.

Vemos, nesse ponto, que o Espiritismo estabelece uma estreita relação entre a Ciência e a Religião, por meio da Filosofia.

Sem negar a existência de Deus, ele contraria a concepção antropomórfica das religiões e estabelece uma teoria que, embora não tenha caráter experimental imediato, não deixa de ser tipicamente científica. Deus já não é matéria de crença, simplesmente. É objeto de dedução filosófica, mas seguindo os métodos de observação do pensamento científico.

No tocante à formação do homem *à imagem e semelhança de Deus*, mais uma vez não vemos razão para o escrúpulo e o espanto dos religiosos. Diz a *Gênese* bíblica que o homem foi feito de terra, e embora não aceitando literalmente a imagem de um boneco de barro feito por alguém, que seria Deus, o Espiritismo aceita o princípio de que o homem procede do barro terreno, de que a vida orgânica teve princípio, juntamente com o desenvolvimento mental e psíquico, na argila fecunda dos primeiros tempos da formação planetária. A *Bíblia* nos apresenta, pois, apenas uma imagem daquilo que teria ocorrido, na distância dos milênios. *Deus falou*, através da *Bíblia*, por meio de parábolas, como tantas vezes falou o Cristo, na sua passagem terrena, para os homens de seu tempo.

"Mas – dirão os religiosos apegados ao texto –, e onde ficam a imagem e semelhança de Deus, na formação do homem?"

De fato, não podemos conceber Deus como um animal vertebrado, da classe dos mamíferos, embora superior ao homem, por atributos cósmicos que esse ainda não conseguiu obter. O Espiritismo não admite que a nossa forma orgânica, material, seja a forma do próprio Deus.

À pergunta formulada por Allan Kardec, no primeiro capítulo de *O Livro dos Espíritos*: *"Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?"*, responderam os espíritos que o assistiam no trabalho de codificação da doutrina:

> "– Não, pois lhe falta o sentido necessário."

Mais adiante, no mesmo capítulo, o próprio Kardec esclarece:

> "A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade o homem o confunde muitas vezes com a cria-

> tura, cujas imperfeições lhe atribui; mas, à medida que nele se desenvolve o senso moral, seu pensamento penetra melhor no âmago das coisas; então, faz idéia mais justa da Divindade e, ainda que sempre incompleta, mais conforme à sã razão."

Não vemos nenhum motivo para negar que o homem tenha sido *feito*, se assim se pode realmente dizer, *à imagem e semelhança de Deus*, embora não concordemos que Deus tenha a forma orgânica do homem. E é o próprio *O Livro dos Espíritos* que nos fornece os dados necessários a uma interpretação espírita desse problema. Encontramos no número 77 do seu primeiro capítulo a seguinte pergunta de Kardec e a respectiva resposta dos espíritos:

> "Os espíritos têm forma determinada, limitada e constante?"
>
> "– Para vós, não; para nós, sim. O espírito, se o quiserdes, é uma chama, um clarão, uma centelha etérea."

Ora, se compreendermos que o homem não é o seu corpo animal, mas o espírito que anima esse corpo e realiza através dele a sua evolução na vida terrena, veremos que as palavras da *Bíblia* não foram prejudicadas pela interpretação espírita de Deus; e veremos também que há uma relação mais íntima e profunda, de essência e não de forma, entre Deus e o homem, do que a relação materialista estabelecida pelos exegetas bíblicos das várias religiões.

Negativas da Ciência

A natureza profundamente deísta do Espiritismo e a sua posição filosófica ao lado do dualismo de Descartes, contra o monismo de Espinosa, no que se refere às relações entre o corpo e o espírito, suscitam contra ele as negativas da ciência acadêmica. E o dizemos, *ciência acadêmica* tendo em conta que muitos cientistas, do maior renome mundial, constituindo uma plêiade suficiente para organização da verdadeira academia da ciência espírita, já demonstraram publicamente, até mesmo através de obras científicas como o *Tratado de Metapsíquica*, de Charles Richet, a evidência dos fatos espíritas e a legitimidade de sua interpretação doutrinária.

A tendência moderna da biologia é a de considerar o homem do ponto de vista de Espinosa, a que acima aludimos, ou seja, como um todo de corpo e espírito, em que um não atua sobre o outro, pela simples razão de que são ambos diferentes aspectos de uma só e mesma coisa. Mas há uma diferença, que devemos lembrar. Espinosa ia muito além na sua concepção das coisas, dos simples limites orgânicos, materiais, a que se prende a biologia moderna.

A ciência acadêmica, porém, prefere o monismo de Espinosa naquele sentido restrito, negando a possibilidade, já tantas vezes comprovada, da existência independente do espírito. Para ela, morto o corpo, estará extinto o espírito. Também a existência de Deus para ela é uma simples hipótese.

Dessa maneira, e uma vez que os atributos de Deus estão ao alcance de todos, o materialista e o descrente podem amar a Deus e, conseqüentemente, chegar à crença e ao espiritualismo através do amor a Deus por um dos seus atributos, ou seja, do amor à verdade.

A ciência também pode ser definida, neste caso, como um ato de amor a Deus. Pois o que procura a ciência, senão descobrir a verdade? Suas negativas atuais decorrem apenas das suas próprias limitações, da sua temporária impossibilidade de atingir o conhecimento da verdade mais ampla, que ela deseja atingir e

atingirá fatalmente no futuro. Para isso, a ciência terá de reunir aos seus dados os conseguidos através da experiência filosófica e da busca religiosa. No dia em que isto se fizer, não mais veremos cientistas materialistas, esforçando-se ao máximo para negar a evidência das manifestações espíritas. Nesse dia, o pensamento humano, que partiu da análise científica, chegará à síntese filosófica, pela reunião de todos os dados do conhecimento, hoje divididos em campos opostos e até mesmo antagônicos.

Mas, assim como um homem que avança pela estrada vai aos poucos descortinando o panorama das regiões que atingirá mais tarde, assim também a humanidade tem vislumbres e visões antecipadas de suas conquistas futuras. O Espiritismo é bem uma dessas visões, perfeitamente delineadas em seus contornos. Na sua estrutura doutrinária ele já nos oferece a síntese daqueles três ramos do conhecimento humano. Apoiando-se na ciência, que observa e registra os fenômenos considerados supranormais, ele ergue ante os nossos olhos o edifício de uma filosofia que é a interpretação do mundo e da vida em espírito e verdade, culminando, por isso mesmo, naquilo que Kardec chamou de *conseqüências religiosas*, isto é, na religião espírita, que não depende de aparatos exteriores porque é todo um processo interior de sentimento e compreensão.

Friedrich Engels, na *Dialética da Natureza*, depois de fazer várias críticas a Russel Wallace e a William Crookes, não perdoando mesmo a interpretação do apocalipse feita por Isaac Newton, chega à conclusão, por sua conta e risco, de que o Espiritismo é *a mais estéril de todas as superstições* (aliás, trata-se de um artigo de Engels, adicionado ao manuscrito do livro). Para Engels, os cientistas espíritas pertencem todos à classe dos *empíricos ingleses*, que só se ocupam com o assunto na decrepitude. Engels, porém, era o defensor de uma nova teoria nascente, a da interpretação materialista do mundo, sendo justo que assim reagisse, diante da teoria que surgia para combater a sua, a da interpretação espiritualista racional, científica e não empírica. Engels defendia a sua posição por amor à verdade, e nesse sentido, embora não crendo em Deus, ele o amava, através de seu atributo *"verdade"*.

Muitos anos mais tarde, Leonidio Ribeiro e Murillo de Campos, no Brasil, apossaram-se dos argumentos de Engels. Mais tarde ainda, Osório César tentou fazer o mesmo, com o seu livro *Misticismo e loucura*, que foi forçado a negar. E ainda mais tarde, já agora, nos nossos dias, quando quase cem anos se passaram sobre a *Dialética de Engels*, a ciência tomou novos rumos, aproximando-se cada vez mais das verdades espirituais, agora que entramos no campo aberto da desintegração atômica, provando que a matéria não é mais do que uma condensação de energia, agora que Einstein rasga os horizontes da Física, através da sua nova teoria, *da gravitação generalizada e do campo unificado*, outro médico brasileiro, o prof. Silva Mello, escreve e publica o seu *Mistérios e realidades deste e do outro mundo*, repetindo os mesmos e encanecidos argumentos de Engels.

É claro que, do nosso ponto de vista, esses doutores não estão incluídos no número dos materialistas que podem amar a Deus, ao menos através do amor à verdade.

Cérebro e Espírito

Não está totalmente errada a ciência moderna, ao considerar o homem sob o aspecto monista definido por Espinosa. O Espiritismo, na sua função de síntese dos conhecimentos humanos, abre largas perspectivas novas ao pensamento do século, permitindo sobretudo o esclarecimento de velhas questões e velhas rixas, que pareciam para sempre insolúveis. Assim, enquanto os defensores da biologia moderna acham intransponível o abismo que separa o dualismo de Descartes do monismo de Espinosa, o Espiritismo entende que tudo não passa de simples jogo de palavras, facilmente desfeito à luz dos seus princípios. De fato, se o biólogo afirma que o corpo e espírito são um todo único, e o teólogo responde que, pelo contrário, o espírito é independente do corpo, o Espiritismo não tem dificuldades em conciliar essas aparentes contradições, lembrando que, segundo um princípio de fisiologia, cada coisa pode nos mostrar, de um ângulo diverso, uma diversa aparência. Nem por isso, entretanto, a realidade deixa de ser uma só.

O biólogo diz que o corpo e o espírito formam uma unidade indissolúvel e que não pode entender outra coisa. Do seu ponto de vista, ele está certo. Entramos aí no terreno da relatividade e precisamos compreender que a verdade do biólogo é relativa. Ele só estudou e conhece os processos vitais de natureza orgânica. Para ele, o espírito é o cérebro ou um simples complexo de funções vitais do córtex cerebral. As crianças prodígio romperam há muito a velha teoria do paralelismo psicofisiológico, mas o biólogo encontrou uma porta de escape nas curvas surpreendentes da hereditariedade. Ele é um homem que joga com dados materiais e que está firmemente disposto a negar qualquer possibilidade de fuga à realidade, para a explicação dos problemas que tem diante dos olhos. Para ele, a independência do espírito seria a negação de todo o seu aprendizado, tão laboriosamente efetuado até agora. A sua reação é quase orgânica, instintiva, contra a ameaça dessa nova teoria.

Para o teólogo, o problema se apresenta da mesma maneira, mas de ângulo oposto. Enquanto o biólogo olha o indivíduo humano de baixo para cima, o teólogo o vê de cima para baixo. Ele não pode dizer a mesma coisa que diz aquele, nem pode concordar com a descrição que aquele lhe faz, de um fenômeno que ele "sabe" ser de outra maneira. A conciliação entre os dois é absolutamente impossível, enquanto não se conseguir arredar o biólogo e o teólogo dos seus respectivos lugares, para juntá-los num outro, que poderíamos considerar o *interior do fenômeno*. Só então eles poderiam verificar, diretamente, que muitos dos seus dados estavam errados, sofrendo de um desvio de visão, embora muitos outros continuassem certos.

O Espiritismo realiza precisamente esse milagre. Não endossando o ponto de vista do biólogo, nem aceitando a posição do teólogo, ele se coloca em outro ângulo e consegue chegar à equação que parecia impossível. Pois, de fato, o corpo e o espírito são uma e a mesma coisa, desde o momento em que se verificou o fenômeno da encarnação, desde o instante em que eles se fundiram, para a experiência da vida terrena. Quando, porém, um novo processo se verifica – o da morte –, eles deixam de constituir a unidade transitória do indivíduo biológico, voltando cada qual à sua independência natural.

O apego dos biologistas à tese monista faz-nos lembrar o perigo de certas ilusões científicas que chegaram a durar séculos. Poderíamos citar, a propósito, a velha teoria geocêntrica ou a da invisibilidade atômica. Temos, assim, uma ilusão antiga e outra moderna. Mas comentemos um pouco mais a primeira, que serve admiravelmente aos nossos desígnios. Durante séculos, os homens de apegaram à idéia de que a Terra era o centro do Universo. Ainda hoje, são inúmeros os que defendem a tese da habitabilidade exclusiva do nosso pequeno planeta, negando a possibilidade da existência humana em outros corpos celestes. Mas o progresso dos conhecimentos levou a ciência a não mais admitir o geocentrismo, que é hoje uma teoria de museu.

No tocante ao problema do corpo e espírito, acontece coisa semelhante. Os homens continuam esposando uma teoria que poderíamos chamar, por analogia, de organocêntrica. Para eles,

só ha vida em organismos materiais, a possibilidade vital está centralizada nas chamadas formas vivas. Fora dessas formas, a vida é absolutamente impossível. Entretanto há fatos que atestam o contrário. E não está longe o dia em que esses fatos se imporão ao raciocínio científico, descentralizando-o dos chamados organismos vivos, a manifestação do fenômeno vital. *As mesas giram*, dizia Kardec. E as mesas aí estão, juntamente com a causa que as faz girar...

No livro *A nossa vida mental*, da série *A ciência da vida*, de H. G. Wells, Julian Huxley e G. P. Wells, encontramos interessante capítulo sobre a questão espírita. Os autores se colocam no ponto de vista materialista e, condenando a *imaginosa explicação espírita dos fenômenos*, que não negam, chegam por sua vez a imaginar explicações, negativas as mais curiosas, e a fazer afirmações nitidamente anticientíficas. Uma delas é a de que as materializações dos primeiros tempos do Espiritismo eram *românticas*, como a focalizada num célebre quadro de Tissot, e as de hoje são informes e rígidas. A fotografia informe que o livro estampa é uma das mais belas conquistas da fotografia psíquica, pertencente ao acervo dos trabalhos de Schrenck Notzing e Madame Bisson. Mostra uma cabeça materializada em processo de elaboração, o que é altamente significativo. Isso demonstra, sobretudo, que o fenômeno pode ser observado em suas diferentes fases. Mas os materialistas não entenderam assim e inventaram que *agora* só obtemos *figuras hediondas e abomináveis*. Foi, sem dúvida, uma conclusão apressada. Mesmo porque, a fotografia pertence aos primórdios do Espiritismo científico, não é de hoje. E todos nós, que lidamos com os fenômenos espíritas, sabemos de materializações tão "românticas" quanto as de Tissot, assistidas no presente.

Outras conclusões interessantes desse livro referem-se às comunicações psicográficas. Segundo os autores, tais comunicações são desinteressantes e fúteis. Citam mesmo o caso de *Raymond*, de sir Oliver Lodge, frisando a diferença existente entre as cartas de jovem soldado e as suas comunicações. Não parece evidente que a avaliação de interesse pode variar de pessoa para pessoa, e que as diferenças notadas devem corresponder à dife-

rença de vida neste plano e no outro? Mas os autores fazem questão de manter o seu ponto de vista materialista, e para isso chegam a dizer que as descrições do *outro lado*, feitas pelos espíritos, variam ao infinito, sendo incompatíveis umas com as outras, a tal ponto, *que reciprocamente se destroem*. Ora, todos os que já estudaram o assunto sabem que as coisas se passam de maneira exatamente contrária.

As descrições de Raymond, por exemplo, coincidem com as obtidas por Ochorowicz, as anotadas por Denis Bradley, as espontaneamente dadas por numerosos espíritos ao doutor Carl A. Wikland, em Los Angeles, ao doutor Oscar Parkes, em Londres, com as descrições feitas, aos milhares, nas sessões espíritas de vários países, os relatos publicados pela *Revue Spirite*, de Kardec, aos registrados pela *Society for Psychical Research*, de Londres, e por último com as comunicações recebidas no Brasil pelo médium Chico Xavier. Poderíamos esgotar várias páginas de citações. Justamente o que mais impressiona, em tais casos, é a identidade, a confirmação de aspectos de um relato por outro, em lugares, épocas e através de médiuns diversos.

Só mesmo o desejo de negar a evidência, ou de pelo menos confundi-la, pode levar os nossos homens de ciência e de letras a tais atitudes. Mas quem quiser, por cima dos informantes suspeitos, verificar o que de real se passa no terreno das informações espíritas sobre o outro lado da vida, por certo há de ver que elas coincidem tão bem como as impressões de vários viajantes sobre um mesmo país estrangeiro.

É pena que os defensores extremados do “milagre” do córtex cerebral não tenham compreendido que as suas teorias sobre a imortalidade da espécie e sobre um outro aspecto perceptivo da matéria são muito mais complicadas e altamente improváveis do que a tantas vezes comprovada imortalidade pessoal.

Materialismo e Idealismo

Falamos da possibilidade que o Espiritismo abre, no mundo de hoje, para a solução de velhas rixas filosóficas que pareciam para sempre insolúveis. A natureza de síntese dos conhecimentos humanos, de que se reveste a doutrina, dá-lhe inesperada capacidade nesse terreno. E assim como a velha questão do corpo e espírito encontra equação imediata nos postulados espíritas, assim também a luta aparente entre materialismo e idealismo, no campo da filosofia, revela-nos a sua face de simples equívoco.

De um lado alegam os materialistas que não podem tomar conhecimento do Espiritismo, por ser ele uma doutrina idealista, que joga com improbabilidades. Fugindo ao terreno material, entra o Espiritismo pelos caminhos nebulosos da suposição ou das deduções empíricas, sem base experimental e racional. De outro lado, porém, são os idealistas que acusam o Espiritismo de procurar reduzir coisas do espírito a soluções materiais. Quando falamos da possibilidade de comunicação dos espíritos, os idealistas censuram o nosso materialismo, no trato das coisas espirituais. Na mesma hora – e pelo mesmo motivo – os materialistas nos taxam de metafísicos, de pescadores de coisas impossíveis.

Diante da celeuma que de um campo e de outro se levanta, perguntaremos: onde ficará o Espiritismo? É verdade que Kardec anotou, no subtítulo de *O Livro dos Espíritos*, a filiação da doutrina à filosofia espiritualista. Mas não estaremos hoje diante de um fato novo, que nos mostra, na prática a impropriedade desse divisionismo no campo filosófico? A velha disputa que nos vem, como sempre, da velha Grécia, envolvendo Demócrito e Platão, para as figuras de Hegel e Fauerbach, afinal superadas, em suas contradições, pelo trabalho de Marx e Engels, criadores do materialismo dialético, não estaria resolvida com o aparecimento do Espiritismo?

É claro que materialistas e espiritualistas, marxistas, existencialistas e outros, em quantas centenas de variantes se dividem as novas teorias filosóficas, ao longo daquelas duas correntes, considerarão utópica, senão mesmo absurda, a questão que

levantamos aqui. Mas todos aqueles que quiserem deixar de lado, por um momento, a bagagem dos seus preconceitos, para olhar as coisas com os próprios olhos, verão que a aceitação dos princípios espíritas liberta o homem das contradições do materialismo e do espiritualismo. Estamos, aliás, diante do conhecido processo de síntese, decorrente do choque das contradições.

O Espiritismo não se prende ao terreno exclusivamente idealista, porque não é subjetivo. Suas afirmações decorrem da experiência e não da simples suposição ou dedução. Kardec afirma que o Espiritismo é ciência de observação, e como tal tem de realizar o seu desenvolvimento. Não nos oferece a doutrina uma interpretação idealista, mas um conhecimento objetivo e real dos fatos e das coisas. A existência do espírito não nos é apresentada como abstração, de verificação impossível, mas como realidade que pode ser objetivamente comprovada. E mais do que isso, como parte integrante da própria natureza objetiva. Os casos, por exemplo, de obsessão colocam o problema no terreno da própria patologia médica, incluindo os espíritos entre os fatores de anomalias físicas, ao lado dos micróbios e de outros agentes provocadores de doenças e lesões orgânicas.

Por outro lado, diante de todas essas características materialistas, o Espiritismo não se prende aos fatos do mundo físico, reconhecendo a existência de um plano hiper-físico na natureza, e de fenômenos com ele relacionados. Prega também a independência do espírito e a sua sobrevivência à morte do corpo somático. Isso basta para identificá-lo com as correntes idealistas.

Essas aparentes contradições do Espiritismo revelam a sua natureza sintética e a sua extraordinária capacidade de solucionar os velhos e intrincados problemas da filosofia tradicional. Na realidade, o Espiritismo não é idealista nem materialista, mas simplesmente realista. Ele observa e interpreta a natureza de um ponto de vista diverso aos daquelas duas correntes, tendo uma visão panorâmica da vida e do mundo em suas múltiplas manifestações espirituais e materiais. Na trama complexa da vida, o Espiritismo não escolheu um determinado ramo para pousar. E com isso, de uma vez por todas, ele conseguiu solucionar o velho impasse, mostrando que tanto Platão como Demócrito estavam

com a razão, e Marx e Engels, ao procurar a síntese entre Hegel e Fauerbach, cometeram o erro filosófico de optar por uma das duas tendências.

Para o Espiritismo, o mundo é uma realidade ao mesmo tempo física e espiritual, objetiva e subjetiva. Não se pode tomar a vida e o mundo por um único dos seus aspectos, sob pena de mutilação e de conflito. O exaustivo conflito entre o materialismo e o idealismo ficou, assim, solucionado e o Espiritismo demonstrou que ele não passava de um dos muitos equívocos em que os homens se têm perdido, nas suas exigências intelectualistas, ao longo dos séculos e das civilizações.

Novo Panteísmo “Realista”

Ao procurarmos situar o Espiritismo, no terreno filosófico, acima das duas correntes clássicas de espiritualismo e materialismo, demos-lhe a designação de *realista*. Esse realismo, porém, nada tem a ver com o realismo medieval e sua luta contra o nominalismo. Pode ser antes comparado ao realismo literário de Flaubert, pois o que o caracteriza é a preocupação de ver a vida e o mundo através de uma visão real, a mais real possível, sem o desprezo ou o descuido de qualquer dos aspectos da realidade objetiva e subjetiva, se é assim que podemos dividir, impunemente, a realidade.

Devemos lembrar, entretanto, nesse ponto, que a recusa sistemática em aceitar a teoria espírita e o desinteresse manifestado pela mesma, de parte da maioria dos cientistas modernos e dos modernos filósofos, que torcem o nariz diante dos livros de Kardec e os trabalhos de Crookes, Myers, Richet, Aksakof e Oliver Lodge, por sentirem o cheiro de uma *grosseira superstição empalhada no museu da cultura*, conduziram-nos fatalmente a um renascimento forçado do *realismo* medieval, conjugado com o panteísmo na sua forma mais primitiva. E o dizemos primitiva porque é a forma que poderíamos chamar de panteísmo inconsciente, muito distanciada da forma superior de panteísmo spinozista, por exemplo, que, segundo o seu próprio autor, podia confundir-se com o pensamento de Paulo, de que *tudo vive e se move em Deus*.

Os novos corifeus da cultura, apegando-se a um racionalismo de superfície, que contradiz as maiores virtudes da própria razão, negam todas as possibilidades da sobrevivência individual, para aceitarem, em troca, uma visão infinitamente mais improvável e absurda, da sobrevivência *de uma realidade dotada de percepção consciente*. Não importa que uma cerebração como a de Oliver Lodge tenha reunido as suas experiências e as suas conclusões, ainda recentemente, em pleno mar da cultura moderna, num trabalho como a monografia *Por que creio na imortalidade pessoal*. Os grandes sábios da era atômica, embora um cientista

de grande evidência no terreno das pesquisas atômicas, como Artur Campton, confirme, em *A posição do homem no Universo*, as assertivas de Lodge, preferem fugir espavoridos da superstição imortalista para se refugiarem no panteísmo científico, que é, na realidade, a mais anticientífica de todas as teorias.

De fato, não negam os nossos homens da ciência, e os possíveis filósofos desta era de pesquisas, a imortalidade da alma. Entretanto, envolvendo essa imortalidade no conceito de eternidade das coisas, confundem o resultado de suas observações parciais com as linhas mais amplas da realidade universal e oferecem à humanidade exausta um imenso borrão, como perspectiva do seu próprio futuro. Apegados ao método científico de indução e dedução, esquecem-se da regra fundamental da *convergência das provas*, para a qual Ernesto Bozzano chama-nos incessantemente a atenção, nos seus trabalhos. Generalizam sobre meia dúzia de conceitos ou de casos, desprezando a maioria, por considerá-los sob o prejuízo da superstição, espécie de pecado original da teologia científica, fonte impura e sempre suspeita, que atemoriza e espanta os ortodoxos.

Não podendo negar a continuidade da vida, que se patenteia a própria continuidade do Universo, e não querendo aceitar a sobrevivência individual, que lhes quebraria o dogma científico do monismo psicofísico, levam de volta o pensamento moderno ao panteísmo primitivo. Deus, embora não o chamem por esse nome, que também cheira a superstição, é a própria natureza, de que tudo provém e a que tudo retorna. As individualidades, sejam humanas, animais, vegetais ou minerais, nada mais são do que ondas que surgem e se apagam, rápidas e efêmeras, na superfície do mar infinito da matéria, sucedendo-se através dos tempos, como as próprias ondas do mar. O homem é uma crista de água espumosa que se levanta de súbito na superfície, percorre um certo espaço-tempo e desaparece de novo no líquido comum. O que sobrevive não é o homem, mas apenas os seus elementos constitutivos, a sua matéria e a sua energia. O deus-natureza, caprichoso, ilógico, absurdo, é um monstro universal, de mil tentáculos e de milhões de faces, a criar e a tragar incessantemente as próprias criaturas, a se revelar e se esconder, num

torvelinho infernal e numa verdadeira autofagia, mais desoladora e mais horrenda do que tudo o que possa ter imaginado a mitologia pagã e a ingênua teologia católica, a respeito dos domínios satânicos.

Entretanto o homem existe. O homem pensa, vive, sente, pode filosofar. *Gogito ergo sum* da metade cartesiana. E diante disso, procuram, os *sujet-pensant* da moderna cultura científica, uma parte de saída através de novo retrocesso filosófico, na volta ao *realismo medieval*. Vejamos o que dizem H. G. Wells, Julian Huxley e G. P. Wells, por exemplo, em *A nossa vida mental*, tradução e notas de Almir de Andrade, título inglês *Science of life*, volume oitavo, *Man's mind and behaviour*.

> "Embora sejamos mortais como indivíduos, podemos ser imortais como fases e partes transitórias da evolução contínua e imorredoura de uma realidade dotada de percepção consciente. Quando filosofamos, nas horas de recolhimento e de silêncio, talvez essa filosofia não parta unicamente de nós, mas seja o próprio homem que se revela, na plenitude de si mesmo, através dos nossos pensamentos."

Durante o século XI, como se sabe, desencadeou-se no mundo filosófico a tremenda luta entre *nominalistas* e *realistas*, os últimos afirmando a existência real, positiva, dos *universais*, que nada mais eram que figuras coletivas das coisas existentes de maneira separada do mundo físico, e os primeiros sustentando a existência apenas destas coisas. Assim, para os *realistas*, à maneira do que Sócrates e Platão afirmavam sobre os conceitos "gerais", os homens não são mais do que projeções materiais do *universal* Homem, a entidade coletiva existente no mundo das idéias. A esse idealismo escolástico são forçados a regressar, como vemos, os corifeus do pensamento científico moderno, quando se negam a aceitar as últimas conseqüências do esforço humano para o conhecimento mais amplo da vida e do mundo.

A Religião, a Filosofia e a Ciência atingiram um estágio superior, graças à contínua e irrevogável evolução da humanidade e dos seus processos mentais. Nesse estágio não é mais possível manter-se o divisionismo irracional, gerador de antagonismos

irreconciliáveis, em que esses ramos do conhecimento humano têm vivido até agora. Chegamos, pois, à era da síntese, ao momento do encontro e fusão dessas partes distintas, para a formação do todo, do corpo único e vitorioso da concepção geral do Universo, por que anseiam o coração e a mente do homem. As forças que se opõem a esse avanço natural não podem fazer outra coisa senão barrar o caminho, desviando o curso normal desses ramos do conhecimento. Esse desvio, uma vez que o avanço foi sustado, não pode tomar outro rumo senão o do regresso ao passado.

O Espiritismo se afirma como a larga estrada do progresso para o pensamento humano, quando pensamos em tais coisas. Ele nos mostra a sua verdadeira natureza do ponto culminante das conquistas mentais e espirituais da humanidade, ao verificarmos que, sem interromper o avanço de nenhum dos ramos do conhecimento e sem voltar para trás, ele pode reuni-los, naquela síntese que nos leva da multiplicidade dos fenômenos ao princípio único que os rege.

Nem foi por outro motivo que sir Oliver Lodge afirmou, em *Por que creio na imortalidade pessoal*, ser o Espiritismo uma nova revolução copérnica. Ele rompe o círculo fechado do pensamento moderno, estilhaçando as esferas de vidro dos novos céus superpostos de Ptolomeu, para colocar o homem diante do espaço infinito, em que os mundos gravitam e a humanidade se expande, além do organocentrismo ortodoxo da biologia moderna.

Imortalidade Pessoal

No seu avanço para frente, o Espiritismo condena a volta ao *realismo medieval*, as explicações empíricas dos modernos filósofos, da era científica, mostrando-lhes a incoerência da sua posição intelectual, e indica ao pensamento filosófico atual a única reta segura para a solução da incógnita humana. Essa reta é a da investigação dos fenômenos anímicos e espíritas, com o livre espírito científico, despojado de todos os obstáculos de preconceito, que hoje embaraçam e perturbam os que tentam se aventurar nesse terreno. Fredrich Myers, William Crookes, Charles Richet e todos aqueles que prosseguiram a obra desses pioneiros, até Oliver Lodge, e presentemente o trabalho obscuro mas sereno e fecundo, das sociedades de pesquisas psíquicas da Europa e da América, das instituições metapsíquicas e das mais recentes sociedades de parapsicologia, estabeleceram suficientemente as linhas dessa tarefa gigantesca de aclaramento do passado, do presente e do futuro do homem terreno.

De nada valem e nada significam, para todo aquele que for capaz de um pouco de raciocínio livre, as comuns alegações dos nossos cientistas e filósofos, com referência às dificuldades de trabalho. Essas alegações podem ser divididas em três grupos distintos, fora dos quais dificilmente poderíamos colocar uma só das desculpas apresentadas:

a) a natureza vaga e imprecisa dos fenômenos, que não se prestam a verificações concretas de laboratório, nem se subordinam às condições específicas que permitam a sua produção sistemática;

b) a dificuldade de aplicação dos métodos científicos ao elemento mediúnico, geralmente empolgado por concepções religiosas, e aos círculos místicos em que eles atuam;

c) a inexistência dos fenômenos, que decorrem de simples atos de prestidigitação, de ilusionismo e de esperteza, de acordo com as indicações das numerosas fraudes já descobertas e denunciadas.

A primeira dessas alegações não tem sentido algum, do ponto de vista científico, embora a encontremos quase sempre associada à segunda, na maioria das justificativas dos homens de ciência, pelo seu desinteresse com referência ao assunto. No livro de Eva Curie sobre a vida de sua ilustre mãe, madame Curie, encontramos a alegação de que o famoso casal descobridor do *polonium* e do *radium* teria se desinteressado das pesquisas psíquicas, em virtude unicamente daquelas razões.

É interessante notar que cientistas habituados a todas as sutilezas das mais avançadas teorias científicas, empenhados em pesquisas e soluções que vão dos problemas esquivos da física nuclear até as fórmulas matemáticas, mas nem por isso menos complexas, da teoria da relatividade, aleguem sutilezas e dificuldades para fugir ao terreno das pesquisas metapsíquicas e espíritas. Mais interessante ainda é verificar-se a insistência daqueles que podemos classificar, em geral, como negativistas, sejam homens de ciência, filósofos, intelectuais ou homens comuns, no afã de procurar, sempre e a todo custo, qualquer outra explicação para os fenômenos, que não a espírita. Há uma verdadeira fobia, de parte dessas pessoas, pelo Espiritismo.

Carlos Imbassahy, no final do seu valioso livro *Ciência Metapsíquica*, em que analisa a conferência de Richet, de despedida da Academia, pronunciada na Faculdade de Medicina de Paris, a 24 de junho de 1925, traça um rápido estudo dos motivos dessa fobia.

Diz na sua última consideração, o sr. Imbassahy:

> "Não iremos buscar no subconsciente os fenômenos espiríticos, mas, pelo contrário, a aversão que eles causam. Nela é que se encontrará a razão pela qual a hipótese dos espíritos é tão violentamente afastada. Os que a afastam, nem sempre têm consciência do motivo pelo qual o fazem."

Parece-nos a mais justa tese proposta por Imbassahy. Os meandros do subconsciente, que tudo explicam para certas pessoas, e que nunca lhe pareceram mais difícil de devassar do que o "mistério" dos fenômenos objetivos do Espiritismo, encerra os motivos múltiplos, as causas alérgicas desse desinteresse "científi-

fico” pela hipótese espírita. Um trabalho mais aprofundado, nesse terreno, mostrará mais hoje, mais amanhã, qual a verdadeira posição dos homens que acham impossível tratar-se cientificamente matéria já tratada dessa mesma maneira por homens como Crawford, Hyslop, Osty, Geley, Myers, Aksakof e tantos outros nomes, que seria fastidioso enumerá-los.

Em seu livro *Raymond*, sir Oliver Lodge, um dos nomes de maior evidência na física moderna, declara taxativamente:

> “Estou convencido da sobrevivência da personalidade depois da morte, como o estou da minha existência na Terra. Poderão alegar que essa convicção não se baseia na experiência dos meus sentidos. Responderei que sim. Um cientista especializado em física não está sempre limitado pelas impressões sensoriais diretas; lida com uma multidão de coisas e conceitos para os quais os seus sentidos são como inexistentes. A teoria dinâmica do calor, por exemplo, e a dos gases; as teorias da eletricidade, do magnetismo, das afinidades químicas, da coesão e até o conceito do éter, nos levam a regiões onde a vista, o ouvido, o olfato e o tato são impotentes para qualquer testemunho direto. Em tais regiões tudo tem de ser interpretado em termos do insensível, do não-substancial, do imaginário. Não obstante, essas regiões de conhecimento tornam-se-nos tão claras e vivas como as coisas materiais. Fenômenos comuníssimos requerem interpretações baseadas nas idéias mais sutis – a própria solidez aparente da matéria pede explanação – e as entidades não materiais com que os físicos jogam, gradualmente revelam tanta realidade como tudo quanto eles conhecem sensorialmente. Como lord Kalvin costumava dizer, “nós, de fato, sabemos mais a respeito da eletricidade do que da matéria.”

A essas afirmativas de Lodge, podemos juntar o testemunho científico e poderoso de Richet, com o seu *Tratado de Metapsíquica*, o de William Crookes, nos *Fatos Espíritas*, e o de Immoda, nas suas *Fotografias de Fantasmas*, para mostrar que a existência dos espíritos e sua comunicabilidade revestem-se, muitas vezes, de caráter mais decisivamente material do que a de

muitos dos próprios elementos comumente tratados pela ciência. E isto, para ficarmos apenas nesses, entre as centenas de testemunhos da mesma natureza e do mesmo valor.

Esses testemunhos revelam ainda a insustentabilidade das alegações de que os fenômenos espíritas não se prestam a verificações concretas de laboratório. Se os fantasmas foram palpados por Crookes e Richet, fotografados por Immoda e por aqueles dois cientistas, por muitos outros e continuam a ser fotografados, e se o próprio ectoplasma, extraído do médium, foi submetido à análise química, está evidente que tais alegações não passam de escusas sem fundamento.

Quanto às condições, também não procedem as desculpas. Um pouco mais de interesse e de persistência no terreno das pesquisas dariam aos interessados, por certo, as linhas seguras da produção do fenômeno. Basta dizer que, apesar desse desinteresse, já sabemos hoje que certas coisas são necessárias para produção de certos fenômenos. Alegar que, apesar disso, muitas vezes os fenômenos não se realizam, é procurar outra desculpa. Se os fenômenos não se realizam, alguns dos elementos necessários devem estar faltando. O experimentador conscienciosо e paciente, e por isso mesmo cientista, ao invés de se afastar do terreno por supor a existência de tal dificuldade, procuraria descobrir as razões da falha. Pois é evidente que até mesmo nas reações químicas mais comuns não podemos desprezar os elementos indicados, e que a simples deterioração de um desses elementos poderia impedir a produção do fenômeno.

No tocante à alegação de que o misticismo do médium ou dos componentes do grupo a que ele pertence impede a aplicação dos métodos científicos, é também absolutamente desprovida de razão. Os fatos já relatados, os trabalhos realizados por grandes cientistas, demonstram o contrário. E seria mais ou menos como afirmar que o espírito místico do povo impediria a aplicação de métodos científicos no estudo de casos religiosos, das manifestações de histeria, das chamadas auras milagrosas e dos fenômenos de estigmatização. A verdade é bem outra.

Muitos médiuns não possuem esse espírito místico e religioso. O doutor Luiz Parigot de Sousa, médico paranaense, um dos

maiores médiuns de efeitos físicos e de voz-direta já conhecidos no Brasil, tinha dúvidas a respeito da existência de Deus e manifestava ojeriza pelas manifestações religiosas, segundo o testemunho dos jornalistas Odilon Negrão, Wandyck Freitas e outros, que com ele privaram. Não obstante, foi esse médium quem, através de suas poderosas faculdades, convenceu o doutor Osório César, anatomo-patologista do hospital de Juquery, em São Paulo, de que o seu trabalho, *Misticismo e loucura*, contra o Espiritismo, estava errado nas premissas e nas conclusões. Outro médium, ainda jovem, residente em São Paulo, José Correa das Neves, conhecido por Zezinho, possuidor de faculdades semelhantes, não tem podido ser suficientemente estudado em virtude mesmo da sua falta de firmeza e de orientação no terreno religioso. Fosse ele um dos místicos a que se referem os inimigos do Espiritismo, e talvez se submetesse mais facilmente, sem tanta relutância, a experiências sistemáticas. Há outros que, muito religiosos, nem por isso se esquivam a trabalhos científicos. É evidente também que nenhum verdadeiro cientista alegará como motivo de impossibilidade para realização de estudos o fato de alguns médiuns se mostrarem arredios e esquivos. O papel da ciência é justamente o de superar todas as dificuldades opostas pela natureza às suas investigações.

A terceira série de alegações procede de poucos cientistas e de muitos clérigos. Dizer que os fenômenos não existem, que não passam de fraudes e mistificações, é simplesmente querer tapar o sol com peneira. Os fenômenos não somente existem – e são facilmente constatáveis por milhares de pessoas, em todo o mundo –, como constam de trabalhos científicos de fôlego, irrefutáveis com uma simples negativa.

Mas há ainda uma quarta ordem de alegações contra o Espiritismo. Essa, parte exclusivamente do clero, seja de protestantes ou de católicos, e atribui a existência dos fenômenos à intervenção do demônio. É tão pueril essa atitude, que não vemos necessidade alguma de refutá-la. Entretanto, como Kardec, podemos lembrar que também aos ensinamentos e aos milagres de Jesus, os clérigos da época respondiam com a mesma acusação. Veja-se, por exemplo, a admirável descrição evangélica da cura de um

jovem cego junto ao tanque de Siloé (João, IX: 1-34) e o que disseram os sacerdotes judeus a respeito.

Devemos, entretanto, assinalar nesse terreno o fato auspicioso de que alguns sacerdotes já começam a compreender a inconveniência de tal acusação. Ainda agora nos chega da Inglaterra a notícia de que a Igreja Anglicana, a velha igreja oficial do império, acaba de publicar um relatório, elaborado por vários sacerdotes, que confirma a existência das comunicações espíritas, sem atribuí-las ao demônio. O conhecido pastor protestante, rev. Otoniel Motta, publicou recentemente um opúsculo intitulado *Temas espirituais*, em que descreve as suas incursões pelo mundo dos fenômenos espíritas, confirmando a existência da comunicação de espíritos, e não de simples artimanhas do Diabo. E o ex-padre católico, Huberto Rohden, figura que foi do mais alto destaque do clero brasileiro, hoje afastado da igreja e "refugiado" em Washington, onde leciona numa grande Universidade, acaba de publicar algumas notas biográficas, nessa capital, pela revista protestante *Unitas*, números de julho e agosto de 1950, relatando as suas pesquisas psíquicas, sob a orientação do padre jesuíta Aloísio Gatterrer, na Áustria, para chegar à mesma conclusão de que não se trata simplesmente de artimanhas do Diabo.

Assim, como vemos, a sobrevivência individual, a imortalidade pessoal, em contradição à tese reacionária do *panteísmo-realista*, a que nos referimos no capítulo anterior, firma-se através de todas as evidências. É ela confirmada pelo cientista insuspeito e liberto de injunções dogmáticas ou de fobias subconscientes, reconhecida pelos clérigos de pensamento mais arejado, constatada por todos os que lidam com sessões práticas de Espiritismo, reafirmada gloriosamente nas obras de estudos metapsíquicos e espíritas. Só mesmo os cegos que não querem ver – e são, como se sabe, os piores cegos – teimam na expectativa, já agora sem razão, de um desmentido da ciência oficial a essa grande esperança da humanidade.

Entretanto, como dissemos acima, se querem os cientistas considerar inócua, suspeita, cientificamente inaceitável, toda obra de investigação realizada até agora, só lhes resta um caminho honesto: o da realização de investigações sistemáticas,

insistentes e profundas, nesse terreno. Que se armem as academias do espírito necessário a essa grande tarefa, mostrando, de uma vez por todas, que, se dizem não acreditar, também podem provar que não temem os fantasmas.

Sobrevivência e Imortalidade

Prega a ciência moderna, como já vimos, baseada nos seus resultados materialistas, a imortalidade do homem e de todas as coisas através da eternidade do Universo. A imagem do mar, eterno no seu conteúdo e no seu aspecto, e variável na sucessão das ondas, dá-nos maior compreensão desse quadro transcendente e supranormal que a ciência materialista nos pinta. Os homens e as coisas são como simples vagas, que aparecem e desaparecem. Não têm qualquer espécie de forma permanente. Só a água, o conteúdo universal, é que sobrevive através dos tempos, renovando as formas, sem qualquer continuidade daquelas em si mesmas.

Essa visão, que muito se assemelha à do antigo panteísmo e à de certas escolas de ocultismo, que consideram o homem como *fagulha divina* momentaneamente destacada de Deus, e que a Ele voltará depois da morte – excluindo-se naturalmente as que assim pensam dentro da linha reencarnacionista – já foi estudada por Kardec em *O Livro dos Espíritos*.

Em certo momento pergunta ali o codificador:

> "Que nos importa ter uma alma, se, extinguindo-se-nos a vida, ela desaparece na imensidade, como as gotas d'água no oceano? A perda da nossa individualidade não equivale, para nós, ao nada?"

Realmente, duas concepções existem, que conduzem o homem à desesperança. A de aniquilamento total do ser por meio da morte física e a dessa imortalidade por transmissão, que nada significa. Também a idéia da imortalidade através da sobrevivência de um princípio místico e misterioso, que seria a alma destinada ao inferno ou ao céu, não satisfaz a nenhuma inteligência racionalista. Somente a concepção espírita, aliás, comprovada pela observação, que nos fala da imortalidade pessoal, oferece ao homem a visão real do seu destino, e mais do que isso, da sua responsabilidade em face da vida e do mundo.

Entre os que aceitam o Espiritismo, subsiste, entretanto, uma pequena divergência de opiniões, no tocante à interpretação do sentido imortalista da sobrevivência. Provamos, através das comunicações e dos fenômenos espíritas, a sobrevivência do homem. Provamos que a morte física não é o fim do indivíduo consciente. Provamos mesmo, que essa morte não chega a modificar o homem, pois ele continua, na vida espiritual, com todas as suas características individuais da vida material. A perda do corpo unicamente priva o indivíduo do contato visível com a matéria. Assemelha-se extraordinariamente ao abandono do escafandro pelo escafandrista, que, longe de perder em si mesmo alguma coisa com isso, readquire a sua agilidade corporal e perde apenas a capacidade de viver no fundo do mar.

Entretanto, isso não nos prova a imortalidade, que implica na eternidade do ser. *Imortalidade pessoal*, portanto, é um termo com o qual procura-se interpretar uma suposição, decorrente da verificação do fato real da sobrevivência. Nesse caso, dizem alguns, o que está provado é a sobrevivência, não a imortalidade.

Os espíritos que transmitiram a Kardec as linhas mestras da doutrina ensinaram que o homem é imortal. Seguiram, aliás, a linha tradicional dos ensinamentos superiores, das revelações dadas ao homem em todos os tempos, pelas forças do Alto. Todas as religiões afirmam o caráter imortalista do homem e as ordens ocultas e esotéricas do passado, algumas das quais ainda sobrevivem, também ensinaram sempre a mesma coisa. A revelação espírita não fugiu a essa norma geral e o simples fato dessa concordância nos faz pensar na possibilidade de se tratar de um fato real.

Do ponto de vista espírita, entretanto, essa questão não tem razão de ser. O Espiritismo não se perde em cogitações dessa natureza, tão semelhante às infindáveis controvérsias escolásticas da idade média. Se não temos recursos para investigar a possibilidade dessa coisa que mal podemos compreender, a imortalidade, que equivale à eternidade, como poderemos manter discussões estéreis a respeito? Basta-nos, evidentemente, saber que há a sobrevivência. E é indiscutível que a sobrevivência nos

autoriza a superexistência ilimitada, pelo menos com os seus limites muito além das possibilidades de verificação.

No primeiro capítulo de *O Livro dos Espíritos*, questão nº 14, título *Panteísmo*, os espíritos que orientavam Kardec deixaram de maneira clara, bem definida, a posição do Espiritismo em face desses enigmas escolásticos.

Respondendo a uma pergunta do codificador sobre a natureza de Deus, responderam eles:

> "Deus existe; disso não podeis duvidar e é o essencial. Crede-me, não avanceis além. Não vos percais num labirinto donde não lograríeis sair. Isso não vos tornaria melhores, antes um pouco mais orgulhosos, pois que acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, pois, de lado todos esses sistemas; tendes muitas coisas que vos tocam mais de perto, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos libertardes delas, o que será mais útil do que pretender penetrar no que é impenetrável."

Afirma a ciência moderna que o homem é limitado na sua capacidade de conhecimento. O Espiritismo concorda com essa afirmação, não procurando iludir-se e iludir os demais a respeito de coisas inverificáveis. A natureza experimental da doutrina não nos permite essas fugas para o mais além. E embora os materialistas nos acusem de desertores, repetindo, como papagaios, que não sabemos enfrentar a realidade, os que se derem ao trabalho de estudar a doutrina verificarão que, pelo contrário, procuramos enfrentar a realidade num sentido muito mais amplo, racional e coerente do que o defendido pelos materialistas.

Basta-nos, pois, verificar o fato, já agora incontestável, da sobrevivência, que continuaremos a chamar de imortalidade porque ela representa, na verdade, a negação da morte.

Aos conceitos pretensamente científicos de imortalidade-cósmica, num sentido geral e não individual, opomos o resultado das nossas experiências, que demonstram à saciedade a sobrevivência pessoal. Contra fatos não há argumentos, nem prevalecem os raciocínios, por mais bem tecidos que se nos apresentem.

Os espíritas não inventaram uma explicação para os fenômenos; foram estes mesmos que revelaram a sua natureza íntima. Os próprios espíritos desencarnados se incumbiram de dizer aos homens, por múltiplas formas e em múltiplas ocasiões, dirigindo-se a sábios, filósofos, teólogos e simples curiosos, que eram eles os agentes, conscientes e intencionais, dos fenômenos observados. Eles mesmos se incumbiram de provar que não eram entidades misteriosas, pertencentes a qualquer escala desconhecida de seres infernais ou celestiais, mas simplesmente as almas daqueles que haviam morrido.

Nossa crença na imortalidade pessoal não se baseia, pois, em suposições, mas em fatos concretos, mil vezes repetidos e comprovados, e cuja ocorrência jamais se interrompeu na face da Terra.

A essa convicção, que podemos sem a menor dúvida chamar de científica, pretendem alguns eruditos de hoje opor, em nome da própria investigação científica, o absurdo da imortalidade cósmica, através dos elementos naturais e da sua constante transformação. Não se baseiam, para isso, em nenhuma experiência demonstrativa. Partem apenas da base frágil das suposições, e mais espantoso é que, defendendo os métodos científicos, não se lembram de que toda teoria contraditada pelos fatos não pode subsistir.

Uma das teses mais recentes e perigosas é a de que a imortalidade individual contradiz o princípio da evolução geral. Afirma-se isso com foros de grande e profunda verdade, com a intenção evidente de fechar a porta, de uma vez por todas, a qualquer tentativa de esclarecimento do assunto. Mas temos o direito de perguntar ainda aqui os motivos dessa contradição, e de afirmar justamente o inverso do que pretendem dizer os defensores ilustres desse ponto de vista. Para isso, não precisamos de silogismos de espécie alguma. Basta-nos lembrar que toda a evolução das coisas, ao nosso redor e nas imensas extensões do Universo conhecido, se processa através de um único método, firmado pela natureza em toda parte, sem exceção: o da evolução individual.

Evoluem os espécimes, para que evolua a espécie. Evoluem os homens, evoluem os povos, uns se adiantando aos outros para que evolua a humanidade. Evoluem os elementos, para que evolua a Terra. Evoluem os mundos no espaço para que, certamente, evoluam os sistemas planetários e o próprio cosmos. Por que estranha razão, mais uma vez encontramos o pensamento humano deslocado da ordem geral, no momento em que tem de encarar o problema da própria evolução? Por que misterioso motivo a evolução individual, unicamente no tocante ao problema da sobrevivência, teria de contrariar o princípio da evolução geral? Mistérios, ou melhor, delícias da caturrice humana.

Do Empirismo à Ciência

Até o aparecimento do Espiritismo em forma de doutrina filosófica, bem definida, apoiada num sistema científico de observação, de pesquisa e de experimentação, as questões relativas à sobrevivência do homem e ao seu destino no além-túmulo pertenciam exclusivamente ao empirismo. E nem se poderia esperar outra coisa, de um mundo que estava saindo inteirinho do empirismo, e que mal começara a trilhar, com Galileu, o terreno das ciências positivas. Se em medicina, até Claude Bernard, a clínica se fazia ao sabor de velhos tabus e sistemas quase instintivos, como se desejar que, em matéria muito mais sutil, difícil e complexa, como a ciência do espírito, pudessem os homens se ter adiantado mais rapidamente?

O Espiritismo abriu a primeira picada no matagal cerrado das superstições, derrubando *a golpe de bom senso*, como diz o poeta leproso Jesus Gonçalves, os tabus do velho misticismo imponente, enclausurado nas igrejas dominantes. Graças a ele, ao formidável surto de fenômenos que se verificou por toda parte, na ocasião do seu aparecimento – como os rubores do horizonte e a brisa matinal aparecem no momento de raiar o sol –, foi possível, embora com as maiores dificuldades, um rápido avanço nesse terreno. O ambiente, aliás, já estava preparado, através das lutas cada vez maiores e mais sérias contra a dominação clerical e as absurdas imposições de uma crença destituída de qualquer base racional. As igrejas estavam, na verdade, vacilando nos seus alicerces seculares, incapazes de resistir à investida arrasadora do raciocínio científico, que parecia destinado a desnudar por completo as formas mumificadas da religião, mostrando-as ao povo na hediondez de sua esterilidade e de seu artificialismo de sarcófago.

Kardec, *o bom senso encarnado*, compreendeu prontamente o alcance da tarefa que os espíritos lhe depositavam nas mãos. Ele ia enfrentar o mundo, ia enfrentar todo o convencionalismo da época, desde os mais velhos sistemas da liturgia religiosa, até os mais modernos princípios afoitamente proclamados pelo mate-

rialismo nascente. Cabia-lhe uma luta gigantesca, tinha ele de enfrentar, em campo raso, sem auxílio de uma única fortificação, o exército dos padres, dos cientistas, dos filósofos, dos jornalistas e escritores, dos intelectuais e dos crentes, o bombardeio dos púlpitos, das cátedras e das tribunas. Mas era preciso enfrentar a tarefa, não havia por onde fugir. Como Galileu, ele havia tocado fundo o mistério, sabia que *as mesas giravam* e sabia por que o faziam. Como Pasteur, ele tinha visto a ação física, discreta, concreta, dos agentes invisíveis. E contava, além disso, com o auxílio dos companheiros espirituais, sempre dispostos a ampará-lo e esclarecê-lo. Foi por isso que, sem nenhuma espetacular atitude de vidente ou predestinado, sem qualquer encenação oracular, o sereno professor de pedagogia iniciou o seu trabalho, na cidade de Paris, centro do mundo e da cultura, que ele transformaria, *para escândalo dos judeus*, como diria Paulo, em quartel-general do Espiritismo.

No seu pequeno livro *O que é o Espiritismo*, Kardec revela a natureza da doutrina e mostra-nos mais uma vez a firmeza e a serenidade da sua atitude, dizendo claramente que o Espiritismo não veio ao mundo para se transformar num sistema novo de religião ou se constituir numa nova igreja.

> "O Espiritismo – diz ele – é ao mesmo tempo, ciência experimental e doutrina filosófica. Como ciência prática, tem a sua essência nas relações que se podem estabelecer com os espíritos. Como filosofia, compreende todas as conseqüências morais decorrentes dessas relações. Pode ser definido assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como das suas relações com o mundo corporal."

Assim definida a natureza da doutrina, Kardec reafirmava que não pretendia convertê-la numa escola religiosa. As religiões estavam ameaçadas e tinham o flanco descoberto. Que podiam elas opor aos ataques arrasadores do racionalismo a todos os seus dogmas, cânones e sacramentos? Como se desvencilharem da acusação de que não eram outra coisa senão as antigas superstições tribais revestidas de aparatos modernos? O Espiritismo

surgia como tábua de salvação para todas elas. Era o meio de que elas podiam se servir para justificar racionalmente os seus velhos princípios, e mais do que isso – maravilha! –, para demonstrar cientificamente, objetivamente, experimentalmente, aos homens da era científica a existência da alma, a realidade demonstrável da sobrevivência. Demonstrado isso, estavam salvas as religiões. Provada a existência da vida depois da morte, quem se atreveria a negar a necessidade de um preparo do homem, nesta vida, para enfrentar depois os problemas da outra, quando se desvencilhasse do corpo material?

Os homens de cultura desertavam dos templos. Apenas o povo, na sua simplicidade natural, continuava apegado, pelo coração, às velhas crenças. Mas esse mesmo povo começava a ser trabalhado profundamente por ideologias revolucionárias, que lhe ofereciam, em lugar de um paraíso depois da morte, outro paraíso, muito mais apetecível, nesta própria vida, aqui mesmo, na Terra. Para que os homens cultos voltassem aos templos, era necessário que a religião lhes oferecesse arma nova, com que pudessem justificar a sua crença diante da zombaria dos novos profetas da razão. Para que o povo não se desviasse, era preciso mostrar-lhe que o paraíso, no espaço ou na Terra, não se conquista por meros atos exteriores. Essas respostas, que as velhas religiões não possuíam, o Espiritismo trazia na palma da mão, como um anjo salvador.

Mas... Sim, havia um "mas". Para que as religiões pudessem utilizar-se do Espiritismo, era também necessário que aceitassem uma modificação de atitude, em face dos problemas da razão. O Espiritismo nascia com características nitidamente racionais. As religiões eram ilógicas, irracionais, dogmáticas. Vacilaram, a princípio, mas terminaram, como a igreja judaica diante do Cristianismo nascente, recusando-se a mudar de atitude. E, por fim – ironia da ingratidão e do egoísmo humano! – quando o Espiritismo, por si só, independente de qualquer auxílio, levou de vencida os primeiros obstáculos, reuniu os primeiros sábios e obteve os primeiros êxitos, arredou de sua atitude negativista e agressiva os primeiros materialistas, as igrejas, já então, reforçadas pela evidência dos fatos, que ele e só ele produzira, despeja-

ram sobre ele os raios outrora fulminantes da sua maldição. Os espíritas, que haviam aberto a possibilidade de retorno dos homens, cientes e inscientes, ao recinto dos templos, foram corridos dali como os apóstolos das sinagogas foram expulsos como inimigos e hereges. E foi então, só então, diante da repulsa cada vez mais forte das religiões constituídas, que as *conseqüências morais* da doutrina, de que fala Kardec, começaram a levar os homens para um novo conceito de religião, para o terreno mais amplo e livre da religião espírita. Esta não é, propriamente *uma religião*, no sentido clássico do termo, que implicaria organização sacerdotal, sistema litúrgico e sacramental, mas é religião no sentido natural do termo, como norma espiritual de conduta humana.

E chegamos, assim, ao ponto em que podemos nos defrontar com a religião no próprio terreno da ciência, que lhe parecia antagônico. Do empirismo supersticioso até o limiar da ciência, que longo percurso tivemos de fazer! Mas ainda não estamos livres das práticas empíricas. Estas, pelo contrário, continuam a exercer poderosa atração sobre os próprios adeptos do Espiritismo.

Diz um velho ditado que o uso do cachimbo faz a boca torta. E muitos espíritas, não podendo deixar de aceitar os fatos e as verdades com que tiveram de se defrontar, mas não tendo forças para sair prontamente dos hábitos adquiridos, procuram introduzir no Espiritismo práticas e sistemas alheios à natureza real da doutrina. O Espiritismo não é uma igreja, os centros e sedes de outras associações doutrinárias não são templos ritualistas, nem possuem sacerdotes para ministrar sacramentos, mas o espírita de boca torta não concebe um casamento sem a bênção da igreja ou um nascimento sem as águas lustrais do batismo. E então se apega ao médium, tábua de salvação para vivos e mortos, e apela ao mundo dos espíritos, que lhe envia – eterna simplicidade do povo! – um espírito de padre, para ministrar os sacramentos que ele se recusa a tomar na própria fonte de origem, aqui na Terra!

Mas ainda não é só. Alguns adeptos, inconformados com a simplicidade racional da doutrina, viciados ainda no transcendentalismo artificial das religiões ritualistas, procuram refúgio

em outras concepções, que parecem mais vastas, mais profundas e mais ricas. É ainda a atração do maravilhoso. Kardec diz:

> "O sobrenatural se esvai à luz da ciência, da filosofia e do raciocínio, como os deuses do paganismo desapareceram à luz do Cristianismo."

Esses adeptos, porém, ainda não receberam suficiente luz das verdades espíritas e continuam fascinados pelo sobrenatural, maravilhoso.

Alegam então que a Teosofia não se restringe aos problemas da sobrevivência e da intercomunicação, indo muito mais longe, na interpretação da própria natureza de Deus e na explicação de mistérios que os espiritistas ainda ignoram por completo. Afirmam que os rosa-cruzes possuem uma visão mais dinâmica e profunda do Universo, que certas escolas esotéricas e mentalistas possuem fórmulas capazes de resolver mais prontamente, do que pelos meios espíritas, os graves problemas do psiquismo. E há os que preferem as fórmulas nebulosas de sincretismo religioso, formas híbridas de ritualismo e de sistemas sacramentais, como as correntes de Umbanda, em que as superstições afro-caboclas se misturam exuberantemente aos elementos do culto católico-romano. E há os que, ansiosos por descobrir "mistérios" que o Espiritismo não aceita, apegam-se a interpretações confusas, como as do chamado Redentorismo, ou ao misticismo incoerente e artificioso de Roustaing.

A todos esses espíritas desprevenidos devemos lembrar que o esforço maior do Espiritismo é realizado no sentido de libertar o homem das suposições sem base, das explicações transcendentes, das superstições de tabus religiosos. O Espiritismo não deseja reforçar as tendências instintivas do homem para o maravilhoso, mas conduzi-lo com mão firme, segura e serenamente, para o conhecimento real das verdadeiras maravilhas do Universo, tanto a da natureza exterior quanto as do plano espiritual.

A imaginação humana é muito fértil e não é difícil, a qualquer homem dotado de grandes recursos de inteligência, arquitetar um sistema de explicações do Universo, desde as formas rudimentares da matéria até os esplendores da natureza divina.

Também do espaço, muitos sistemas dessa espécie podem ser-nos transmitidos por espíritos "esclarecidos", a título de revelação. Mas Kardec já nos deu a lição, dos seus ensinamentos e do seu exemplo, no tocante a essas revelações do tipo roustainguista.

Há uma pauta segura para avaliação das coisas, venham elas de cima ou aqui de baixo mesmo. Há uma linha de raciocínio que nos serve de guia seguro no labirinto das suposições e das teorias. E há o critério científico de observação, de comparação e de análise, que deve presidir ao trabalho do homem no terreno espiritual, como em qualquer outro. Por isso mesmo, no campo da religião, domínio aberto do empirismo e do maravilhoso, o Espiritismo nos oferece o antídoto da *fé raciocinada*, verdadeira vacina contra os exageros místicos e chave de controle para o desenvolvimento equilibrado da era da intuição, da qual se aproxima a humanidade.

Sociologia Espírita

As considerações em torno da natureza científica do Espiritismo conduzem-nos ao estabelecimento de um paralelo, no terreno filosófico, entre este e o Socialismo. De fato, embora divergindo nas suas manifestações e nos seus objetivos, tanto o ideal socialista quanto o espírita fizeram uma trajetória semelhante, através das interpretações empíricas, a caminho da objetivação científica. E juntos chegaram, na mesma época, à maturação desejada. Em 1848, Marx e Engels lançavam o *Manifesto Comunista* e, logo depois, *O Capital* dividia definitivamente as águas, firmando a era do socialismo científico, em contradição ao socialismo empírico e ao utópico. Em 1857, Kardec lançava *O Livro dos Espíritos*, iniciando decisivamente a era do espiritualismo científico.

Por analogia, poderíamos classificar de utópico o espiritualismo das escolas teológicas, esotéricas e ocultistas, que continuam a proclamar os seus princípios, até mesmo como superiores, mais elevados e mais "espirituais" do que os do Espiritismo, que consideram excessivamente submetido às injunções dos sentidos físicos do homem. Teríamos assim uma fase que chamaríamos de espiritualismo empírico, decorrente das experiências psíquicas do homem primitivo, dando origem às religiões mais antigas, pejadas de superstições e de tabus simplesmente grotescos, depois a fase utópica, onde já se esboçam as tentativas racionais, no estabelecimento de sistemas filosóficos, e, por fim, a fase em que nos encontramos, do espiritualismo científico, que já não se satisfaz com as simples indagações do pensamento, penetrando de maneira decisiva o terreno da experimentação.

É interessante notar que essa coincidência de datas no aparecimento do socialismo científico e do Espiritismo colocam praticamente a humanidade em face de uma nítida encruzilhada. Dois caminhos bem delineados, precisos, claros em seus contornos, se abrem no mesmo instante aos olhos do homem do século dezenove. Resta-lhe apenas escolher qual dos dois trilhará no século futuro. E os fatos nos mostram, já agora, em meados do

século vinte, que a humanidade se arrastou, por cem anos, vacilante, numa caminhada indecisa, embaraçada nos seus preconceitos e nos seus prejuízos, sem se definir por qualquer dos dois. O dilema persiste, e só muito lentamente as camadas populares vão forçando a decisão dos tempos, ao adotar atitudes que as elites são obrigadas a reconhecer, pouco a pouco, relutantemente, como os contornos de um novo mundo, de uma nova ordem nascente.

No seu magnífico trabalho, *Cristo e o Comunismo*, o Reverendo Stanley Jones considera o marxismo como o chicote do templo, usado para espantar os vendilhões. A humanidade, não querendo aceitar os princípios de fraternidade universal do Cristianismo, em todas as suas conseqüências, encontra-se sob a vergasta da força e da violência, tangida dessa maneira, para uma nova ordem mundial. Entretanto, o direito de opção nunca se esgota. O prazo é eterno. Se o homem, antes que o chicote marxista o atinja em toda a extensão do corpo universal, quiser ainda atender ao apelo do espírito e optar pelo caminho da espiritualidade, certamente encontrará os elementos de que necessita para a efetivação desse desejo.

Ainda não temos uma sociologia espírita, embora vários ensaios já tenham sido feitos nesse sentido. A luta do Espiritismo, até o presente, para vencer o materialismo e os preconceitos religiosos, a sua imensa batalha sem quartel, travada em toda parte, ainda não permitiu aos espiritistas o tempo e as condições necessárias para a concentração de esforços nesse sentido.

No capítulo oitavo de *O Livro dos Espíritos*, de Kardec, e no seu artigo sobre *As aristocracias*, publicado em *Obras Póstumas*, já podemos vislumbrar alguma coisa do que poderemos chamar, no futuro, de Sociologia Espírita. Emmanuel, no livro *O Consolador*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, declara, em seu capítulo primeiro, número 59, que o Espiritismo *é o grande iniciador da Sociologia*. E por mais estranho que isso pareça, principalmente aos sociólogos dos nossos dias, a verdade é que a sociologia só pode ter início com a interpretação dos problemas sociais à luz dos princípios imortalistas do Evangelho do Cristo.

Até hoje, tudo o que se fez, em matéria de Sociologia, tem por base o efêmero das relações sociais, num plano de interesses absolutamente materialistas, sem a menor percepção do futuro espiritual do homem. Fora disso, a chamada sociologia cristã não passa de um aglomerado de conceitos escolásticos, sem nenhuma relação com os princípios vivos do todo social, formado de espíritos e corpos interligados, que se revezam nas encarnações sucessivas.

Os princípios da sociologia espírita encontram-se, pois, nas próprias páginas do Evangelho, resumindo-se no ensinamento *amai-vos uns aos outros*. Isto há de parecer utopia para os homens materialistas, que não crêem na força da verdade, na influência dos grandes princípios sobre a mente humana e principalmente naquilo que podemos chamar *o sentido da vida*. Mas as leis do progresso conduzirão o mundo, fatalmente, a esse estágio superior da civilização. E a tarefa do Espiritismo, no momento, não é outra senão a de estabelecer as bases profundas e sólidas desse novo mundo, em que florescerá a verdadeira civilização cristã, perfeito reverso desta civilização materialista, anti-fraterna e anti-evangélica, a que os homens, por ironia, dão o falso rótulo de cristã.

Diante, porém, dessas conclusões, vemos que o verdadeiro espírita se encontra, em face do mundo de hoje, e principalmente na vida política, numa situação incômoda. Não pode ele, em sã consciência, endossar os princípios da maioria dos partidos existentes, nem pode, por outro lado, filiar-se às correntes esquerdistas revolucionárias. Se uns se apegam ao individualismo capitalista, que a tudo corrompe e desvirtua, os outros se escravizam a princípios materialistas, que lhes viciam a origem. Como cidadão, entretanto, o espírita tem o direito e o dever de intervir na vida civil do seu país, de participar dos pleitos eleitorais, tanto votando como sendo votado.

Para muitos espíritas, essas dificuldades não existem. Eles conseguem separar inteiramente os deveres sociais dos deveres individuais, conseguem dividir a sua vida em duas partes distintas e não vêem por que, num mundo de tantas incoerências, somente o espírita deva ser coerente consigo mesmo em todos os

momentos da vida. Para os que, porém, costumam encarar as coisas com seriedade e compreendem que o Espiritismo é norma de vida para o indivíduo e para a coletividade, sem qualquer possibilidade de divisões artificiais, o problema da política se transforma num dos mais complexos e de mais difícil solução.

Não podemos, evidentemente, transformar o movimento espírita num partido político, segundo a solução alvitrada por muitos confrades. Não podemos, também, fundar um movimento político à margem do Espiritismo, com a finalidade de arregimentar os espíritas, segundo pensava o próprio Conan Doyle. O Espiritismo tem uma função, que já definimos, antes de profundidade do que de superfície. Ele precisa trabalhar o coração dos homens, e a sua derivação para as competições políticas embaraçaria ou prejudicaria de vez a execução dessa tarefa divina. Por outro lado a dispersão dos espíritas pelos vários partidos políticos equivale a uma demonstração de incoerência, a uma falta de objetivo político e social na própria doutrina.

Como solucionarmos essas dificuldades? Alvitram alguns confrades que o espírita se alheie por completo dos movimentos políticos, restringindo-se ao cumprimento do seu dever de votante.

Mas o ato de votar é também uma definição de atitude, uma tomada de posição, uma opção, enfim. E não é da natureza humana que um ato dessa espécie possa se processar com alheamento, como uma pedra que caísse no vácuo, desligada de qualquer impulso. O votante chega até as urnas impulsionado por reflexões que teve de fazer, por decisões que tomou, e depois das urnas aguardará com ansiedade mais ou menos intensa, mas sempre presente, o resultado do pleito. Criaríamos uma ilusão anti-espírita, se acreditássemos na possibilidade dessa abstenção política, alvitrada por alguns confrades, em diversas ocasiões.

Na tese que oferecemos ao primeiro Congresso Espírita de Alta Paulista, realizado em Marília, no ano de 1947, e que foi aprovada em plenário, sendo depois publicada na *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, e em folhetos, sob o título de *O Reino*, propusemos a organização de um movimento amplo, sem qualquer sentido sectarista, envolvendo espíritas e não

espíritas, com a finalidade de implantar na Terra os princípios do Reino de Deus. Esse movimento, porém, não seria um partido político, nem poderia se converter em tal coisa. Aliás, para se libertar dos partidos, ele teria de se bater, desde o início, pelo registro dos candidatos livres, em todas as eleições. E enquanto não conseguisse esse objetivo, desenvolveria um trabalho persistente de esclarecimento dos eleitores, de maneira a livrá-los da exploração política e da demagogia partidária.

Parece-nos, ainda hoje, que essa seria uma solução, ou pelo menos um princípio de solução, talvez com alguns acréscimos ou modificações. Por exemplo, permitindo-se ao movimento do Reino o direito de incluir candidatos em várias legendas partidárias ou de aceitar que alguns candidatos a ele se filiassem, com o fim de defender seus objetivos. A princípio, essa atitude nos parecia excessivamente perigosa, num mundo em que todo e qualquer contato com o escorregadio terreno do partidarismo político ameaça a integridade moral do cidadão ou da agremiação a que pertence. Ultimamente, porém, tantas e tamanhas têm sido as influências perigosas exercidas pela política, as fascinações do partidarismo político, sobre os espíritas e as suas agremiações, e sobre todas as demais correntes do pensamento religioso, que estamos dispostos a aceitar essa solução.

O movimento, entretanto, deveria estabelecer desde o início, de maneira clara e precisa, de acordo com o princípio evangélico do *seja o teu falar sim-sim, não-não*, as suas linhas invioláveis de reivindicação social e moral, com vistas ao estabelecimento de uma ordem mundial baseada na justiça, no equilíbrio, na fraternidade e no entendimento. Teria de ser um movimento socializante, contrário ao individualismo capitalista. E poderia começar pelo estabelecimento de um sistema cooperativista de natureza cristã, cujas unidades seriam as pedras fundamentais da nova ordem econômica.

Contra a interpretação materialista da história, ofereceria a espiritualista; contra a pregação da violência, como único processo possível de transformação social, ergueria os princípios evangélicos da não violência; contra a formação da chamada *consciência de classe*, tão grata ao marxismo quanto ao capita-

lismo, pregaria e trabalharia pela criação da *consciência humanística*, superior a todas as limitações de casta, classe, seita ou raça.

Enquanto isso não se fizer, não poderemos negar aos espíritas sinceros o direito de intervir nas atividades políticas, desde que de maneira elevada, numa atitude superior, com vistas à realização de objetivos sociais, e sem a tentativa, tão comum hoje em dia, de envolver os centros e outras organizações doutrinárias nas lutas inglórias da política partidária.

Os espíritas iniciariam, portanto, e orientariam o movimento do Reino, baseados na poderosa força da Doutrina dos Espíritos. Mas esse movimento não seria caracteristicamente espírita, mantendo suas portas abertas para todos os que, independentemente da crença nos princípios espíritas, aceitassem os seus objetivos sociais. E se muitos espíritas a ele não se filiassem, preferindo continuar envolvidos no partidarismo político, nem por isso o movimento estaria prejudicado ou diminuído.

Espiritismo e Cristianismo

Partimos do sentido religioso do Espiritismo, do seu aspecto de consolação e orientação para a vida terrena. Analisamos a sua posição em face de problemas fundamentais da religião, como a existência de Deus, que o Espiritismo coloca em termos racionais e quase objetivos, e entramos no terreno da interpretação filosófica e da comprovação científica dos fenômenos que provam a sobrevivência da alma. Discutimos com os teólogos, os filósofos e os cientistas, mostramos a incoerência da posição atual da ciência em face dos seus próprios princípios e o caminho único que lhe cabe tomar, para a verdadeira solução do problema espírita. Analisamos ainda a posição filosófica da Doutrina dos Espíritos, a conclusão a que os seus postulados nos levam no terreno complexo da sociologia política e alvitramos uma solução para o trabalho social e político dos espíritas, no mundo de desvalorizações em que estamos vivendo. Resta-nos agora, antes das conclusões práticas e de tentarmos uma súmula do Espiritismo em rápidos traços, focalizar alguns pontos de exegese teológica, pontos esses que têm servido de arma para o desvio, do caminho espírita, de muitas almas sensíveis e impressionáveis, facilmente confundidas pelos sofismas clericais do catolicismo e do protestantismo.

Não esmiuçaremos o problema histórico das acusações de satanismo, formuladas pelos clérigos de várias igrejas cristãs, porque como vimos, esse problema se resolve à luz dos textos sagrados, ao mesmo tempo em que, hoje em dia, está perdendo sentido nos próprios meios clericais. Mas há outras acusações que devem ser estudadas. Entre elas, sobressai, a nosso ver, a que nega ao Espiritismo a natureza de terceira e última revelação cristã, elo final do conjunto bíblico, obra do Espírito da Verdade, do Paracleto, do consolador prometido pelo Cristo.

Desde as suas primeiras manifestações, os espíritos incumbidos de transmitir a Allan Kardec os princípios fundamentais da nova doutrina fizeram sentir a estreita relação existente entre a mesma e o Cristianismo. O Espírito da Verdade foi o seu guia, e

já em *O Livro dos Espíritos*, pedra fundamental da doutrina, vemos como se entranham Espiritismo e Cristianismo, de tal maneira, que separá-los seria produzir uma dupla mutilação.

Há alguns espíritas que dizem o contrário, e sabemos que mesmo entre nós, no Brasil, houve, desde os primórdios da preparação do Espiritismo, elementos que se diziam "Espíritas puros", ou seja, simplesmente espíritas, firmados nos princípios de *O Livro dos Espíritos*, sem nenhuma ligação com o Cristianismo. Se, entretanto, nos dermos ao trabalho de ler aquele livro, veremos que essa atitude não passa de um dos muitos equívocos a que tão facilmente se entregam os intelectuais, mormente em face de doutrinas novas. O espírita não cristão pode se basear em tudo, menos em *O Livro dos Espíritos*, que é texto cristão, prosseguimento natural de *O Novo Testamento*, como este o é do *Verbo*.

Nos Estados Unidos e em alguns países da América Central se firmou há tempos um movimento de características regionalistas, que pretendia apresentar o Espiritismo como doutrina americana, surgida e propagada na América. Rejeitava-se assim a codificação kardeciana, para tomar como base alguns estudos esparsos elaborados na América. O Espiritismo teria nascido, não em Paris, com o lançamento, a 18 de abril de 1857, de *O Livro dos Espíritos*, mas em Hydesville, nos Estados Unidos, a 31 de março de 1948, com o aparecimento dos fenômenos históricos da casa da família Fox. Chegou-se mesmo a plantar, no local onde existiu a cabana das famosas irmãs Fox, um obelisco com os dizeres *Aqui nasceu o Neo-Espiritualismo*.

A verdade dos fatos nos mostra, porém, o contrário. Fenômenos espíritas ocorreram em todos os tempos, e os verificados com as irmãs Fox não foram nem os primeiros nem os últimos. Nem mesmo na época, tiveram eles qualquer primazia. Basta lembrar os trabalhos magníficos de Jonathan Koons e sua *câmara-espírita*, lá mesmo, nos Estados Unidos, e o estupendo florescimento de mediunidades na Europa, com a multiplicação de médiuns e fenômenos por todo o velho continente, para compreendermos que os fatos da família Fox atingiram proeminência em virtude de circunstâncias particulares, que os destacaram

perante a opinião pública americana e os projetaram mais tarde na mundial. Constituíram, sem dúvida, um dos meios utilizados pelo Espírito da Verdade, para a mais rápida propagação dos princípios espíritas e o início da nova era na Terra. Mas somente na França, com Allan Kardec, e através de *O Livro dos Espíritos*, o Espiritismo tomou corpo, firmou-se como doutrina filosófica, de bases científicas e conseqüências religiosas, de natureza essencialmente cristã.

Afirmam os livros da codificação kardeciana, afirmaram-no os espíritos que presidiram ao trabalho de Kardec, que o Espiritismo é obra do Espírito da Verdade, incumbida de preparar na Terra o advento do Reino de Deus, ou seja, de um mundo melhor e mais puro, de justiça e verdade prevalecendo sobre a injustiça e a mentira hoje dominantes. Os teólogos das várias igrejas cristãs não aceitam essa afirmativa, negando ao Espiritismo a natureza de prosseguimento do trabalho do Cristo entre os homens. Para isso alegam várias razões, entre as quais a mais forte é a de que o consolador, também chamado Espírito Santo e incluído na Santíssima Trindade como terceira pessoa, já teria vindo, depois do sacrifício de Jesus, no Dia de Pentecostes, em Jerusalém.

Para bem esclarecermos este assunto, devemos analisar a própria natureza do consolador anunciado por Jesus, segundo os textos evangélicos. Diz o capítulo 14 do Evangelho segundo João:

> *"Se me amais, guardai os meus mandamentos, e eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco, o Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós."*

Logo mais, no versículo 26 do mesmo capítulo:

> *"Mas o consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que eu vos tenho dito."*

No capítulo 16 encontramos estes versículos:

"Mas eu vos digo a verdade; a vós, convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, não virá a vós o Consolador, mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei. E ele, quando vier, argüirá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo. Sim, do pecado, porque não crêem em mim. E da justiça, porque eu vou para o Pai, e não me vereis mais. Do juízo, enfim, porque o príncipe deste mundo já está julgado. Eu tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele Espírito da Verdade, ele vos ensinará todas as verdades, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e anunciar-vos-á as coisas que estão para vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo-á anunciar. Todas quantas coisas tem o Pai, são minhas. Por isso é que eu vos disse que ele há de receber do que é meu, e vo-lo anunciará."

Estas são as palavras de João registrando a promessa do Consolador, na tradução de Padre Figueiredo.

Como vemos, o Espírito da Verdade é um enviado de Deus, a pedido do Cristo, para dar prosseguimento à obra deste na Terra. Sua natureza é espiritual e sua função pode ser assim dividida:

a) permanecer com os homens, estando mesmo nos homens, integrado na própria existência humana;

b) ensinar aos homens todas as coisas, relembrando-lhes os ensinamentos do Cristo;

c) argüir o mundo do pecado, da justiça e do juízo;

d) receber a revelação das verdades divinas e proporcioná-las ao homem.

Ouçamos agora o próprio Kardec, em *A Gênese*, sobre a vinda do Consolador no Dia de Pentecostes:

"O Espírito Santo não realizou, no Pentecostes, o que Jesus anunciara a respeito do Consolador, o Espírito da Verdade. Do contrário, os apóstolos teriam elucidado, em sua vida, tudo quanto ficou obscuro no Evangelho até hoje, e cuja interpretação contraditória deu lugar às numerosas seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos, em

lutas sem tréguas, por questões de exegese, de interpretação, lutas que chegaram a produzir grandes morticínios. Se na época em que Jesus falava os homens não se achavam em estado de compreender as coisas que ficaram por dizer, não seria em algumas semanas que eles poderiam adquirir as luzes necessárias. Para a compreensão de certas partes do Evangelho, com exceção dos preceitos de moral, eram precisos conhecimentos que só o progresso das ciências nos daria, e que só poderiam ser obra do tempo e de muitas gerações. Se, pois, o novo Messias viesse pouco tempo depois do Cristo, teria encontrado o terreno nas mesmas condições, e não faria mais do que Ele fez. Ora, desde o Cristo até os nossos dias, não se produziu nenhuma grande revelação, que completasse o sentido do Evangelho e elucidasse os pontos obscuros, como indício certo de que o enviado ainda não apareceu."

Mais adiante, no mesmo primeiro capítulo de *A Gênese*, completa Kardec o seu pensamento, com as seguintes palavras:

"O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, pelo contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e realizou. Elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte, que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam inadmissíveis, elas se tornam compreensíveis, e eles as admitem, sem dificuldade, graças ao auxílio desta doutrina. Vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria. Cristo lhes parece maior: Ele já não é simplesmente um filósofo, mas um Messias divino."

A seguir, encontramos:

"Se se considerar, por outro lado, o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assinala a todas as ações da vida, pelas conseqüências do bem e do mal que ele torna palpáveis, a força moral, a coragem, as consolações que ele dá nas aflições, por uma inalterável confiança no porvir, pelo pensamento de ter cada um junto de si os seres a quem

amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles, a certeza, enfim, de que tudo quanto se fez, tudo quanto se adquiriu em inteligência, em sabedoria, em moralidade, até a última hora da vida, não fica perdido; pois tudo aproveita o adiantamento do espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado. Ora, como é o Espírito da Verdade que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha assim cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro Consolador.

Vemos, diante de todos esses argumentos, que a alegação de que o Consolador teria vindo no Dia do Pentecostes não tem razão de ser, não encontra base alguma no próprio texto evangélico. É, pelo contrário, uma verdadeira negação do Consolador. Nenhuma das tarefas assinaladas pelo Cristo ao Espírito da Verdade são cumpridas no Pentecostes. O que se verificou naquele dia foi apenas o auxílio do Alto aos apóstolos espavoridos, a fim de alentar-lhes a fé e predispô-los à grande luta da pregação da Boa-Nova. A vinda do Espírito da Verdade, para ficar com os homens, se daria mais tarde, quando os tempos decorridos houvessem permitido o amadurecimento necessário do pensamento humano, sem o qual nenhuma revelação de verdades novas, o ensinamento de todas as coisas, não seria possível. E por que relembrar os ensinamentos do Cristo, naquela hora, em que eles ainda ecoavam no espírito dos apóstolos? Só mais tarde, depois das deturpações teológicas, que fatalmente ocorreriam, como ocorreram, seria possível o restabelecimento anunciado pelo Cristo, e que hoje de fato se verifica, através do Espiritismo.

Ouçamos ainda as palavras de Kardec, desta vez no capítulo sexto de *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

> "O Espiritismo vem no tempo determinado, cumprir a promessa do Cristo. O Espírito da Verdade preside ao seu advento, chama os homens à observância da lei e ensina todas as coisas, fazendo compreender aquilo que Jesus só disse em parábolas. Vemos assim respondidos os itens que es-

tabelecemos acima, tratando das funções do Consolador. Resta-nos dizer que, graças aos princípios do Espiritismo, o Espírito da Verdade pode, realmente, não apenas permanecer entre os homens, mas integrar-se na carne, no pensamento, no espírito, na vida dos homens, como norma de conduta para todos os que o recebem e compreendem, como diretriz permanente dos seus pensamentos e ações."

Quanto ao item "c" da divisão que estabelecemos, e em que incluímos as palavras do Evangelho *"argüir o mundo do pecado, da justiça e do juízo"*, ele envolve, segundo pensamos, a ação social do Espiritismo, como reformador do mundo, como *iniciador da sociologia*, segundo disse Emmanuel. Essa tarefa será cumprida pelo Espiritismo, também a seu tempo, como vimos no capítulo anterior. Mesmo porque, como diz o Eclesiastes, Deus fez tempo para tudo, e cada coisa há de chegar a seu tempo, nem antes, nem depois.

Verificado assim que o Espiritismo é de fato o Consolador prometido pelo Cristo, não nos devemos perturbar com a oposição dos clérigos, sejam eles católicos ou protestantes. A história nos revela que a igreja constituída, baseada em cânones definitivos, estratificada em seus princípios, ossificada nos seus dogmas de fé e materializada no interesse profissional dos seus sacerdotes, não é a primeira vez que se recusa a aceitar o cumprimento das profecias em que assentou os seus próprios alicerces. É o texto sagrado mesmo, são as passagens evangélicas, que nos falam da maneira pela qual a igreja judaica, cega no seu orgulho, não aceitou na vinda do Cristo o cumprimento da anunciação do Messias.

O mesmo que a igreja da época fez com relação ao Cristo a igreja de hoje faz, no tocante ao Espiritismo. Aliás, as semelhanças históricas são muito profundas. Os judeus se consideravam sentados na cadeira de Moisés, e do alto dessa cátedra anatematizaram o Messias. Os cristãos de hoje se julgam sentados na cadeira de Pedro, de cima da qual dardejam os raios da sua maldição sobre o Consolador prometido. Mas da mesma maneira pela qual o Cristo respondeu aos seus acusadores, através de suas obras, o Espiritismo responde aos seus detratores, mostrando-

lhes os frutos da sua propagação na Terra, frutos de cura e de consolação para todos os deserdados e infelizes, ricos ou pobres, onde quer que se encontrem e a ele se dirijam.

Seria fastidioso enumerarmos outras várias objeções teológicas levantadas contra o Espiritismo. A teologia é terreno fértil em afirmações e contestações de toda espécie. Nunca, talvez, a imaginação humana tenha encontrado campo mais vasto, em que melhor se pudesse sentir, para o livre exercício do seu poder de auto-contradição. Um rápido olhar para a história escolástica da Idade Média nos dará a medida dos exageros e dos absurdos a que o pensamento teológico conseguiu chegar, muitos dos quais ainda continuam sustentados, em pleno século vinte.

Contra a lei da reencarnação, afirmam os teólogos que o Evangelho não a menciona, muito embora a natureza explícita das referências de Jesus ao renascimento de Elias na pessoa de João Batista, o precursor. Quando citamos o diálogo de Jesus e Nicodemos, uma das mais belas passagens evangélicas referentes à reencarnação, os teólogos procuram escapar pela tangente do *renascimento do espírito*, esquecidos de que o texto fala em *renascer da água e do espírito*, e de que o elemento água representava, para os antigos, a própria matéria. Quando negamos a existência de penas eternas, por contrariarem o princípio da mais elementar das justiças humanas, quanto mais a de Deus, alguns nos respondem, franzindo o cenho, como se nos olhassem do próprio íntimo das verdades supremas, que não somos capazes de medir a justiça de Deus, que não podemos avaliar o seu significado e que ela será para sempre um terreno misterioso, vedado à razão e à lógica frágil dos homens. Se evocamos o verdadeiro sentido da palavra grega *eon*, traduzida por eterno, ou se lembramos o uso das metáforas em larga escala, o costume da linguagem figurada, em todo o Oriente, mormente no passado, eles se fecham em copas, respondendo somente que a eternidade das penas é o princípio indiscutível da igreja. Evidentemente não se pode nem se deve discutir com homens que assim pensam, negando o mais poderoso atributo da própria natureza pensante da espécie humana.

Um ponto, entretanto, que tem sido motivo de grande celeuma, principalmente nos meios protestantes, é o da proibição da evocação de espíritos por Moisés. O próprio Kardec já tratou do assunto, a seu tempo, fazendo notar a incoerência daqueles que desejam impor um versículo isolado do texto como lei de alcance geral. Em seu livro *De cá e de lá*, o confrade Romeu do Amaral Camargo, que foi presbítero evangélico, tece considerações interessantes a respeito, fazendo ver que os livros citados para essa condenação do Espiritismo, o *Levítico* e o *Deuteronômio*, contêm numerosas outras condenações e prescreve numerosos castigos já há muito relegados ao esquecimento, por judeus e cristãos. Lá, entretanto, no meio de toda uma montanha de velharias abandonadas – as leis civis da época, estabelecidas por Moisés –, vão os inimigos do Espiritismo buscar um versículo que condena a evocação dos mortos, para então afirmarem, radiantes, que a nossa doutrina é contrária ao texto bíblico.

Lembra o confrade Amaral Camargo que, contra a ordem de Moisés, segundo vemos em *I Reis*, capítulo 28, o rei Saul foi consultar o espírito de Samuel, através da pitonisa de Endor. Para os protestantes, apegados ao texto, lembraremos ainda que a *Bíblia* não endossa a teoria da manifestação de Satanás em lugar dos espíritos. Pelo contrário, o texto diz claramente que quem se manifestou foi o espírito de Samuel. A *Bíblia* confirma, pois, da maneira mais plena, a realidade das comunicações espíritas.

Kardec diz, a propósito, no livro *O Céu e o Inferno*, capítulo XI:

> "A proibição de Moisés era assaz justa, porque a evocação dos mortos não se originava nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhações, tal como os augúrios e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas práticas, ao que parece, também eram objeto de negócio, e Moisés, por mais que fizesse, não conseguiu desentranhá-las dos costumes populares."

E acrescenta:

> "Se Moisés proibiu evocar os mortos, é que estes podiam vir, pois, do contrário, inútil fora a proibição. Ora, se os mortos podiam vir naquele tempo, também o podem hoje, e se são espíritos de mortos os que vêm, não são exclusivamente demônios. Ao demais, Moisés, de modo algum, fala nesses últimos."

As proibições de Moisés se referem à evocação de espíritos para finalidades condenáveis. Consultem-se os textos bíblicos, com olhos de ver, com isenção de ânimo, e compreender-se-á facilmente que nenhuma ligação há entre eles e o Espiritismo. Além disso, o episódio relatado no capítulo 11, versículos 26 a 29, do livro de *Números*, contradiz flagrantemente a afirmativa de condenação da mediunidade e da comunicação dos espíritos. Vemos ali dois médiuns, que não entretinham comércio com os espíritos, para fins adivinhatórios ou de lucros, Eldad e Medad, subitamente tomados pelo espírito, no campo. Um jovem, que presenciava a cena, corre apressado e comunica o fato a Josué, ministro de Moisés, que pede a este a proibição da comunicação. Moisés, entretanto, responde:

> *"Que zelos são esses que mostras por mim? Quem dera que todo o povo profetizasse e que o Senhor lhe desse o seu espírito."*

O confrade Amaral Camargo conclui que Moisés *suspirava pelo mediunismo generalizado*. Ele queria o cumprimento da profecia de Daniel, no tocante ao derramamento do espírito do Senhor sobre toda a carne, ao advento, enfim, do Espírito da Verdade. E Kardec já declarava, no livro *O Céu e o Inferno*, há tantas dezenas de anos:

> "Se os que clamam injustamente contra os espíritas se aprofundassem mais no sentido das palavras bíblicas, reconheceriam que nada existe de análogo entre os princípios do Espiritismo e o que se passava entre os hebreus. A verdade é que o Espiritismo condena tudo aquilo que motivou a condenação de Moisés. Mas os seus adversários, no afã de encontrar argumentos para rebater as novas idéias, nem se a-

percebem de que tais argumentos são negativos, por serem absolutamente falsos.”

Amar a Deus

Não somente um ilustre pastor protestante nos fez certa vez essa pergunta, como também o reverendo Otoniel Motta a explanou, do ponto de vista protestante, no seu livrinho *Temas Espirituais*, afirmando que os espíritas não podem amar a Deus, uma vez que não lhe atribuem nenhuma espécie de forma. Tivemos já a oportunidade de lembrar a ambos outro mandamento bíblico, aliás tão invocado pelos presentes, o de que não devemos adorar imagens. Esse mandamento foi renovado por Jesus, quando disse que devíamos adorar a Deus em espírito e verdade. Analisando ambos, e tendo em vista o que dissemos no capítulo anterior, compreenderemos que o Espiritismo vem renovar também a compreensão desses mandamentos, abrindo a inteligência do homem para a compreensão de Deus em espírito e verdade, única maneira de ele o adorar independentemente de qualquer imagem.

De um ponto de vista material, sabemos que há imagens de madeira, de barro, de metal e de outros elementos. Entretanto, do ponto de vista espiritual, devíamos saber que há também outras espécies de imagens, e muito especialmente as imagens mentais. Por acaso podemos admitir que a adoração de uma imagem mental seja menos condenável do que a das imagens materiais? Podemos admitir que não seja idolatria a adoração de ídolos mentais, forjados pelo homem à sua imagem e semelhança?

Contra a idolatria mental, tão perniciosa quanto a material, se ergue o Espiritismo. Essa idolatria levou Antero de Quental a escrever o célebre soneto em que considera Deus como um ser criado pelo homem, à imagem e semelhança deste. Levou também Marx e Engels a considerarem o fenômeno Deus como a simples projeção do homem a um plano superior, no anseio natural de querer superar as circunstâncias que o dominam e escravizam, na Terra. Graças à idolatria mental, os filósofos materialistas conseguiram desferir profundos golpes na crença de muitos homens acostumados a pensar. E multidões de crentes, por sua vez, no mundo inteiro, desviaram o sentimento de amor que deviam dedicar a Deus, para o simples ídolo mental que a

religião lhes oferecia. Com isso, tornaram morta a sua própria fé, tiraram-lhe todas as possibilidades de expansão dinâmica, reduzindo-a a uma expressão inferior de puro fetichismo.

O Espiritismo apresenta-nos a seguinte constituição do Universo:

> "Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material, temos de juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria..."

Como vemos, o Espiritismo é profundamente deísta, considerando Deus como elemento constitutivo e básico do Universo. O Deus do Espiritismo, entretanto, e por isso mesmo, não pode ser reduzido a uma simples imagem mental de forma humana.

Kardec nos apresenta Deus, em *O Livro dos Espíritos*, como eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. São atributos que as religiões também reconhecem no Criador, e que por si mesmos contradizem a forma humana que lhe dão. Negando-lhe essa forma ou qualquer outra que lhe quisermos dar, o Espiritismo nos coloca em face, tão somente, dos atributos de Deus. É, pois, pelos seus atributos, que o devemos amar. E quem não percebe que, dessa maneira, o Espiritismo nos desvia da idolatria, para nos encaminhar ao amor de Deus em espírito e verdade?

Do ponto de vista espírita, aliás, compreendemos a lição do *amar a Deus sobre todas as coisas*, lição que, usando a faculdade de pensar, não poderíamos compreender, do ponto de vista idólatra. Mesmo porque seria um contra-senso colocarmos o nosso amor por uma imagem qualquer, fosse ela mental ou não, acima do amor que devemos aos nossos entes mais queridos. Só um desvio mental, uma anomalia psíquica, nos levaria a tal coisa.

O Espiritismo nos ensina que devemos amar a Deus sobre todas as coisas, segundo a lição dos textos sagrados, e nos mostra, aliás, que é absolutamente indispensável fazermos isso, se quisermos cumprir a nossa tarefa terrena, alcançar o objetivo supremo da nossa encarnação neste planeta expiatório. E isso pelo

simples motivo de que sendo Deus *eterno, imutável e imaterial*, devemos colocar o nosso interesse acima das coisas transitórias, mutáveis e materiais, que nos cercam e nos prendem à existência terrena. Sendo Deus *único e onipotente*, nele devemos confiar e esperar, e não em outros seres e outras coisas, por mais belas e fascinantes que elas nos sejam apresentadas.

Mas o que é mais importante para todos nós, pequenos *bichos da terra, tão pequenos*, como dizia Camões, é que, sendo Deus *soberano, justo e bom*, é evidentemente a suprema justiça e a suprema bondade, pelo que devemos amar a justiça e a bondade acima de toda injustiça e de toda maldade. Amando a Deus sobre todas as coisas, através daquilo que de Deus podemos conhecer, que são os seus atributos, seremos capazes de realmente colocar Deus acima de tudo e de todos.

Assim compreendemos também o ensinamento do Cristo, de que devemos abandonar até mesmo os nossos pais, a nossa mulher e os nossos filhos, se o quisermos seguir. Pois o homem que ama a Deus, em espírito e verdade, sobre todas as coisas, está sempre com a verdade, a justiça, o amor, a bondade, a pureza, contra mesmo os seus próprios interesses da vida material. Coloca o seu amor a Deus acima das vantagens que pode auferir na vida, sempre que prefere a verdade à mentira, por mais fascinantes que sejam as promessas desta. E não terá dúvidas em romper com os próprios pais, a mulher e os filhos, quando estes ficarem com a mentira ou a injustiça, pois ele, fiel ao seu amor a Deus, preferirá sempre a justiça e a verdade.

Neste caso, porém, até o materialista não poderia amar a Deus mais eficientemente do que muitos religiosos, e de maneira mais real?

Já nos dirigiram, certa vez, essa pergunta, que vamos responder.

Conclusões Práticas

Chegados a este ponto, estamos aptos a compreender que, de fato, o Espiritismo nos oferece uma nova concepção da vida e do mundo, capaz de transformar a Terra. Quando os preconceitos do chamado materialismo científico dos nossos tempos forem definitivamente postos abaixo, pela crescente e irresistível avalanche dos fatos, quando as religiões compreenderem, como acaba de compreender a Igreja Anglicana, a inutilidade das suas acusações de satanismo contra a nossa doutrina; quando a filosofia perceber que o terreno lhe falta sob os pés, no mundo de formulações abstratas e de intelectualismo pedante em que se tem perdido; quando a política deixar de ser o jogo de interesses imediatistas que tem sido até hoje, para se converter no trabalho consciente em favor da solução dos problemas sociais, à luz dos princípios da imortalidade reencarnacionista, o Espiritismo terá cumprido a sua tarefa primeira. Então, como diz Kardec, a Terra deixará de ser um mundo de expiação e passará à categoria mais elevada de mundo de regeneração. Os homens não serão tão maus como o são hoje, isto é, terão superado o estado de ignorância espiritual que hoje os caracteriza. Os espíritos encarnados no planeta terão construído, através das lutas civilizadoras e espiritualizantes, um habitat diferente para a humanidade terrena.

Todavia, somente chegaremos a esse mundo ideal, que não é utópico, pois as linhas gerais da evolução aí estão para nos demonstrar a possibilidade de alcançá-lo, se empregarmos na sua conquista o nosso melhor esforço. É preciso trabalho, trabalho e muito trabalho, de parte de todos os que já foram capazes de compreender a verdade do Espiritismo, de todos os que já amadureceram suficientemente para uma percepção mais espiritual da vida. Ninguém, que tenha conhecimento das verdades proclamadas pelo Espiritismo, que tenha sido beneficiado pelos esclarecimentos doutrinários, que tenha sentido na sua própria vida e na dos seus entes mais queridos os efeitos poderosamente salutares dessa nova concepção do mundo, tem o direito de cruzar os braços, de permanecer indiferente, diante da imensa

tarefa que cabe ao Espírito da Verdade realizar entre os homens, com o concurso destes.

Em seu livro *Por que creio na imortalidade pessoal*, já citado nestas páginas, vimos que um homem de ciência da estatura mental de sir Oliver Lodge considera o Espiritismo como uma nova revolução copérnica. E estudando os diversos aspectos da doutrina, chegamos à conclusão de que essa afirmativa do grande físico deve despertar-nos para um conhecimento melhor desse poderoso corpo de princípios que os espíritos nos legaram, através do trabalho persistente e corajoso de Kardec. Temos de abrir os olhos; de ver, com os olhos bem abertos, que o Espiritismo não é apenas uma palavra de consolo que nos caiu no coração em meio de nosso desespero; não é somente uma vaga suposição de como se processam a morte e a vida, no ciclo incessante das suas manifestações; não unicamente um pretexto para o desenvolvimento da nossa curiosidade no trato dos fenômenos mediúnicos. Muito mais do que isso, o Espiritismo é o fermento da parábola evangélica, destinado a levedar toda a massa dos conhecimentos e das experiências do homem na Terra, para o estabelecimento do Reino de Deus entre todos os povos. É a poderosa alavanca que terá de arrancar o homem do lodo terreno para elevá-lo às estrelas, como diria Bradley. E essa alavanca está em nossas mãos, é nosso dever manobrá-la com a maior rapidez e decisão.

Antes de tudo, portanto, devemos nos colocar na posição de quem não se contenta com o simples conhecimento intelectual dos princípios espíritas. Aceitar a doutrina, tão somente nas linhas da sua estrutura filosófica, não basta para solucionar senão o problema da nossa vaidade pessoal, da nossa vontade individual de conhecer verdades que outros desconhecem. Precisamos compreender que o Espiritismo não é produto do intelecto ou da imaginação, mas uma doutrina de vida, que nasceu da dor e do sofrimento do homem, da sua angústia em face das experiências penosas da Terra, do seu próprio amadurecimento, ao sol do trabalho rude e milenar, no seio do imenso processo de elaboração biológica do planeta. Precisamos, ao mesmo tempo, compreender, sentir e viver o Espiritismo. O conceito de Espiritismo

prático, hoje tão difundido como simples sistema de realização de sessões, deve se converter em sistema de vida espírita, de norma de pensamento e ação, de conduta, para todos nós.

De vez que o Espiritismo nos mostra um objetivo para a existência do homem na Terra, e que compreendemos esse objetivo, não se poderia aceitar que continuássemos de braços cruzados, esperando que as forças da vida nos impulsionassem, sem nada fazermos de nós mesmos, em favor do nosso avanço naquele sentido entrevisto. O homem vive para que? Para melhorar a si mesmo e melhorar aos demais, para evoluir de animal a espiritual, para transformar os seus instintos em intuições, para alcançar sempre e sempre planos mais elevados para os seus sentimentos e a sua capacidade espiritual de percepção do Universo. Se assim é, porque motivo havemos de continuar fechados no pequenino mundo das nossas aflições cotidianas, atormentados por mil problemas passageiros, que nada significam para nossa vida infinita? Só seremos coerentes com novos conhecimentos adquiridos quando nos dispusermos a modificar a nossa própria vida, encarando-a como um processo contínuo, de expansão e de libertação da nossa personalidade, de realização de nós mesmos em face da realização universal. Não mais nos prenderemos às preocupações de rotina, chorando e sofrendo pelos pequenos percalços da existência. Entendendo que a vida é um processo de evolução e que todos os seus acontecimentos nada mais são do que vagas impetuosas do imenso oceano da evolução universal, a nos impelir para frente, aprenderemos a acompanhar esse impulso, caminhando com a vida.

Há uma velha imagem da vida, que muito nos ajudará a compreender a atitude que devemos assumir. Diremos que a vida é um rio, imenso rio, cujas nascentes se perdem no desconhecido do tempo e do espaço, cujas águas rolam através do infinito, passando por miríades de formas, por milhões de paisagens, para desembocar, afinal, no oceano longínquo da perfeição. Nós, os homens, nada mais somos do que habitantes das águas da vida. Estamos em meio do rio e as águas correntes passam por nós com incrível rapidez, sem parar, avançando sempre para o seu objetivo. Se olharmos ao redor, sentiremos a vertigem das águas.

Tudo flui, tudo passa, tudo se esvai em torno de nós. Aquilo que ontem existia, hoje não existe mais. O que ainda há pouco era, já agora não é. Paisagens, flores, animais, a própria sociedade humana, tudo se transforma incessantemente. Nossos amigos e nossos entes mais queridos não permanecem eternamente conosco. Pelo contrário, como que levados de roldão nas águas da vida, que outros diriam da morte, se perdem, uns após outros, no fluir contínuo do tempo. Nós mesmos envelhecemos. Sentimos que dia a dia nos aproximamos do fim. E por mais que lutássemos em sentido contrário, nada poderíamos fazer. É que as águas do rio não param de correr e não poderíamos fazê-las parar. Elas passam por nós com velocidade vertiginosa. Empurram-nos, arrastam-nos, e quanto mais teimamos em ficar onde estamos, em não caminhar com elas, mais o seu atrito nos desgasta, arrancando-nos a própria roupa, despindo-nos, e por fim sangrando-nos a própria pele.

A única atitude sensata que poderíamos assumir, dentro do rio, seria a de nos deixarmos levar pelas águas. Mas estamos demasiado cônscios da nossa personalidade, demasiado convencidos da nossa individualidade, do nosso *eu*, e temos medo de nos dissolvermos nas águas, de deixarmos de ser nós mesmos. Então, cheios de angústia, nos agarramos às raízes do barranco, nos penduramos aos ramos que se debruçam sobre o rio, nos abraçamos uns aos outros ou nos troncos que rolam ao sabor das águas, ou ainda, mais desesperados, nos apegamos às pedras que repontam, agudas e ásperas, do leito lodoso. E assim nos defendemos. Mas é uma defesa desesperada, pois as águas são mais fortes do que nós e não cessam de passar. Sofremos e nos angustiamos. Entretanto, se compreendêssemos que as águas não são inimigas, que são, pelo contrário, o elemento em que vivemos e que o seu impulso é benéfico, tudo se resolveria facilmente. Sem relutância, nos entregaríamos à correnteza. E ela, suave e leve como um córrego a levar uma flor, nos conduziria através das paisagens conhecidas e desconhecidas, rumo ao nosso verdadeiro destino.

Essa imagem nos lembra aquela passagem evangélica, tão obscura para os que não compreendem o sentido da vida: *"aque-*

le que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas aquele que a perder por amor de mim, salvá-la-á”.

Disse o padre alta, no seu admirável livro *O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários*, que Jesus está para nós na posição de um grande nadador, ensinando-nos a nadar. A imagem condiz com a que expusemos acima. E é por isso que ele nos ensinava a nos entregarmos às águas, sem temor de perder, com isso, a nossa vida.

Quanto mais um homem se apega às suas idéias pessoais, aos seus caprichos, aos seus sistemas, mais se distancia dos outros, mais se afasta da vida. Quem não conhece esses temperamentos confinados, essas criaturas ranzinzas, cheias de “coisinhas”, que estão sempre de prevenção contra tudo e contra todos? Pois não são outra coisa senão indivíduos agarrados fortemente às raízes do barranco. Eles se defendem da vida e dos homens, querem viver a seu modo, fechados nos seus costumes. Quem quiser tirá-los para fora da cova mental e psíquica em que eles se meteram, por vontade própria, será considerado inimigo. No entanto, se os levarmos a um médico psiquiatra, este os considerará enfermos, que de fato o são, e lhes receitará os meios necessários à libertação.

Na vida comum, fora desse terreno específico da patologia psíquica, nós também, quase todos, somos espíritos confinados, somos doentes, apegados à rotina de uma vida sem sentido, lutando contra as águas do rio da vida, que nos querem levar para a libertação. Se quisermos continuar nessa atitude, só poderemos aumentar os nossos sofrimentos e as nossas dores. A lição do Cristo se torna, pois, muito clara, diante dos ensinamentos espíritas. A vida não é fixa, não é sólida, não é estável. É fluente e mutável. Se quisermos salvar a nossa vida, fixando-nos em nossos hábitos e em nossas idéias, perdê-la-emos, porque o fluxo constante das coisas nos libertará de súbito, nos atirará para frente, com ímpeto irresistível. Se, pelo contrário, concordamos em sacrificar a nossa vida por amor do Cristo, ou seja, trocar o nosso apego às pequeninas coisas da existência passageira pela compreensão das verdades eternas, por ele ensinadas, salvá-la-emos.

Compreendamos, pois, antes de tudo, a nossa verdadeira posição diante da vida, e procuremos nos adaptar a ela. Compreendamos que a vida é um fluxo, que temos de viver, não apegados aos nossos hábitos e sistemas, mas, pelo contrário, de mente aberta, de coração leve, prontos a caminhar para frente. O próprio Espiritismo não é um sistema rígido. A sua natureza é dinâmica, progressiva. Quanto mais avançarem os tempos, quanto mais se acelerar a maturidade espiritual do homem, tanto mais se alargarão os conceitos espíritas, segundo a própria lição de Kardec. Vivamos também dessa maneira, se quisermos começar a viver uma vida espírita.

Depois de havermos tomado essa posição, devemos compreender que ela não representa desinteresse pela vida. Muito pelo contrário, temos de nos interessar vivamente por tudo o que nos rodeia. Pois então não aprendemos que todas as coisas fazem parte do plano geral da evolução, que todas elas representam, para nós, auxiliares do nosso próprio desenvolvimento? Desapegarmo-nos das coisas não quer dizer desprezá-las.

O grande espiritualista hindu, Râmakrishna, dizia aos seus discípulos que eles deviam viver como uma ama-de-leite. E explicava:

> "A ama-de-leite, ao referir-se à casa dos seus patrões, diz: "a nossa casa". Ela sabe, entretanto, que a sua casa está longe, numa aldeia distante, para a qual se dirigem os seus pensamentos. Ao referir-se ao filho dos patrões, que traz nos braços, dirá: "o meu Hari está muito travesso" ou "o meu Hari gosta disto ou daquilo", e assim por diante. Não obstante, ela sabe que Hari não é seu. Aos que me procuram, digo-lhes que vivam uma vida de desapego, como essa ama-de-leite, que vivam desligados deste mundo, que vivam no mundo mas não sejam do mundo, e tenham ao mesmo tempo a mente dirigida a Deus, a casa celeste de onde todos viemos. Que implorem o amor de Deus, que os ajudará a viver assim."

Colocado assim, em termos claros, o problema da atitude espírita, resta-nos vivê-la. A princípio, é natural, encontraremos

grandes dificuldades. Mas pouco a pouco aprenderemos a olhar a vida e o mundo de um ponto de vista espírita. E então os acontecimentos que habitualmente nos surpreendiam, nos transtornavam e nos causavam dor e angústia, passarão a nos afetar levemente, como simples arrepios do vento na superfície de um lago. Encontraremos a paz da compreensão, a serenidade inalterável da exata visão das coisas, em que dia a dia mais penetraremos.

Ainda me lembro da estranheza dos vizinhos, por ocasião da morte do nosso jovem e querido J.J., o cronista espírita do jornal *O Tempo*, cunhado do autor dessas linhas, mas praticamente seu filho, pois crescera em sua casa, órfão de mãe, desde tenra idade. Em casa, uma família de doze pessoas, inclusive quatro crianças, todos eram espíritas. Nenhum sinal de morte foi colocado nas portas ou janelas, nenhum grito de desespero se ouviu, nenhuma lamentação, nenhum semblante funéreo. A morte o colhera de surpresa, aos vinte anos de idade, e o golpe caiu pesado e fundo sobre o coração de todos. Mas todos compreenderam que o jovem companheiro não havia morrido. Que simplesmente fora levado, antes de nós, pelas águas da vida, rumo ao destino supremo da evolução espiritual. Todos sentiam, mas, ao mesmo tempo, todos compreendiam. E ninguém tinha coragem de lamentar aquele que fora, pois sabia que ele não merecia essa lamentação. Meu filho, de sete anos e pouco, certa noite, na hora de dormir, com os olhinhos distantes, apenas nos disse: *Como será o outro lado, não?* Ele tinha a certeza de que o tio havia passado *para o outro lado*, e que assim cumprira, pura e simplesmente, uma das leis da vida. Seu pensamento se preocupava apenas com a novidade do fato e procurava descobrir como seria a situação do outro lado da vida.

Essa falta de aparência de sofrimento e de desolação, essa ausência do desespero, causou estranheza aos vizinhos. Nem todos deixaram perceber a sua estranheza, mas certo dia alguém não se conteve e falou a um dos nossos. Era uma pessoa que havia perdido um parente jovem e que jamais se consolara. Continuava a sofrer, a sentir horrivelmente a "perda irremediável". E só então fomos capazes de compreender o quanto o Espiritismo nos

tinha valido naquele momento cruciante, o quão fundo havia ele operado em nossas almas.

Poucos dias depois, um médium amigo recebia, em Marília, a primeira comunicação do espírito. Recebemos um telegrama de confrades, comunicando-nos o fato, que a todos alvoroçou. Conhecíamos bem a mediunidade de Urbano de Assis Xavier, cirurgião dentista naquela cidade. Felizmente, o espírito havia pedido aos amigos presentes à reunião, os confrades Eurípedes Soares da Rocha, provedor do Hospital Espírita de Marília, Gabriel Ferreira, farmacêutico e ex-diretor do mesmo, e à senhora deste, que transmitissem ao médium o seu desejo de falar conosco. Urbano compreendeu a situação e, com sacrifício dos seus próprios interesses, viajou no dia seguinte para São Paulo. Em casa, todos reunidos, recebemos então a paga da nossa firmeza na convicção espírita. J.J. se manifestou, amparado por espíritos amigos, que também conhecíamos, identificando-se plenamente e dando-nos mais uma vez a confirmação da sobrevivência. Tínhamos, assim, a prova de que a nossa atitude era certa, de que a nossa posição era exata. E a vida continuou, como sempre, no seu eterno fluxo, na Terra e no espaço.

O nascimento e a morte não devem nos perturbar mais do que o necessário para que sejam atendidos nas suas necessidades imediatas. As convenções humanas que cercam esses acontecimentos, procurando lhes dar um caráter de mistério impenetrável, devem ser afastadas dos meios espíritas. Nada de sacramentos aparatosos inúteis, como os batizados religiosos, as unções do moribundo, a colocação de velas ou crucifixos nas mãos do morto ou em torno do cadáver, as preces em conjunto, lamuriosas e prejudiciais, nada de gritos de desespero ou de choradeiras infindáveis, nada de semblantes carregados, de préstitos sombrios, carregados de coroas, nada de luto e de aparências dolorosas. O espírita sabe que o nascimento e a morte não são mais do que acontecimentos normais da existência terrena. Sabe que os aparatos de que os homens revestiram, através dos tempos, essas ocorrências, são apenas produtos da ignorância, já agora superada pelos conhecimentos doutrinários. Deve banir, por isso mesmo, das casas espíritas, todos esses velhos aparatos da supersti-

ção e do atraso espiritual da humanidade, transformados no mais estéril e prejudicial dos convencionalismos.

Por outro lado, na sua vida diária ele deve fazer o mesmo. A todo momento terá de encontrar-se com as manifestações convencionais do mundo. São os hábitos criados na sociedade pela incompreensão do homem, firmados através dos tempos, constituindo a rotina cotidiana das convenções. Contra ela, o espírita irá firmando os novos hábitos denunciadores de uma diferente visão das coisas. Sua atitude será a de um simplificador da vida, a de um destruidor de convenções inúteis. Na sua vida particular, como homem de família e de sociedade, substituirá as expressões convencionais pelas atitudes simples e naturais, ditadas pelo coração em cada momento. Será o que realmente for, não o que pretendam que ele seja. Na vida comercial ou profissional procurará substituir a ganância desenfreada ou o desejo instintivo de superar os companheiros para tirar vantagens pessoais, pelo simples cumprimento do dever, com vistas à realização das tarefas que lhe cabem e à satisfação das suas reais necessidades econômicas. Como a ama-de-leite de que nos fala Râmakrishna, ele saberá sempre que a fortuna, o êxito, a boa-posição, não são mais do que o *filho do patrão*, do qual ele deve cuidar com o máximo de carinho, mas sem apego.

No tocante aos princípios doutrinários, sabendo, como sabe, que o mundo necessita deles, tudo fará pela sua difusão. Trabalhando a sua própria vida, trabalhará também a vida do seu próximo, através da pregação e do exemplo. A pregação, ele a fará nas ocasiões oportunas, sempre que puder desviar a conversação dos rumos habituais, de futilidade e de maldade, para outros rumos, mais altos e mais belos, relacionando acontecimentos que sirvam de lições ou indicando mesmo as soluções doutrinárias para todos os problemas da vida. Não é somente através de discursos e de conferências que podemos pregar. Todos os espíritas, até os mais pobres de recursos intelectuais, podem tornar-se excelentes pregadores, despertando os homens para a compreensão verdadeira da vida. O exemplo ele dará através dos seus atos, da sua maneira de viver, de comerciar, de se desempenhar dos seus encargos profissionais, de tratar com os

semelhantes na vida social. Mas feito isso, resta-lhe ainda um dever a cumprir: o trabalho em conjunto. Conhecedor que é da lei de fraternidade, não pode ele fechar-se, dentro do movimento doutrinário, numa espécie de individualismo espírita, fazendo Espiritismo somente na sua casa ou no âmbito individual das suas atividades. É necessário ir mais longe, ligando-se às associações doutrinárias, contribuindo para o trabalho dos Centros e dos Núcleos, esforçando-se em favor das boas iniciativas espíritas.

Chegamos, neste ponto, a um assunto da maior relevância para todos os espíritas. A vida das sociedades doutrinárias é de grande importância para a boa e séria propagação dos princípios espíritas no mundo. Por isso mesmo, cabe a todos nós uma parcela de responsabilidade pelas atividades dessas associações. Grande número delas, infelizmente, desviam-se facilmente do caminho seguro, levadas por homens vaidosos e ignorantes, que a si mesmos se atribuem poderes excepcionais, assistência privilegiada, capacidade única de direção. Os espíritas sinceros e esclarecidos não podem fechar os olhos a essa situação. É seu dever contribuir para a volta das associações a um roteiro seguro, se não pessoalmente, por falta de aptidões pessoais, pelo menos reforçando o trabalho dos que lutam contra essas deturpações e esses desvios.

Um dos vícios ainda persistentes no movimento espírita é o do personalismo mais feroz, na realização de obras de caráter doutrinário. Todo indivíduo que se julga dotado de capacidade para fazer alguma coisa, procura logo fazê-la por conta própria, individualmente, não raro firmando o seu nome, como se ele fosse o objetivo e não o realizador da iniciativa. Contra isso temos de lutar, incessantemente. Precisamos convencer os espíritas da necessidade de trabalhos em conjunto, visando as soluções mais amplas dos problemas doutrinários. A União das Sociedades Espíritas – USE, surgida em São Paulo, é uma tentativa nesse sentido, e devemos prestigiá-la. Não obstante, é necessário o maior cuidado, para que um movimento como a USE também não seja desviado dos seus verdadeiros objetivos. O perigo desse desvio já se tornou evidente, com a criação de um departamento

de unificação nacional, no Rio de Janeiro, subordinado à Federação Espírita Brasileira.

A unificação do movimento espírita, tanto no âmbito municipal, através das Uniões Municipais Espíritas, quanto no estadual ou no federal, e até mesmo, futuramente, no continental e no mundial – já existem organismos dessa natureza, como a Confederação Espírita Pan-americana e a Federação Espírita Mundial –, deve ser feita através de organismos amplos, de representação coletiva, e não de pequenas sociedades, enfeixadas nas mãos de um grupo reduzido. Em cada organismo unificador devem estar presentes os representantes eleitos de grandes massas espíritas, da maneira mais democrática possível, a fim de que o movimento não se desvie do seu sentido livre e libertador; isto porque o Espiritismo é doutrina, como vimos, de liberdade e fraternidade, jamais de coação e imposição, através de autoridades arbitrariamente constituídas. Nosso trabalho deve ser no sentido de unir os espíritas para o esforço comum em prol da causa, e não de submetê-los ao arbítrio de instituições dirigentes.

Súmula Espírita

Allan Kardec escreveu uma monografia que todos os espíritas deviam ler e reler, mesmo aqueles que se dizem "espíritas de 30 anos" e os que "nasceram espíritas": trata-se da obra *O que é o Espiritismo*, título do qual o padre Negromonte, quase um século mais tarde, resolveu se apropriar, para uma obra de combate ao Espiritismo. Essa monografia de Kardec arma os espíritas de poderosos argumentos contra os adversários da doutrina, e muito mais do que isso, dá aos espíritas uma visão geral do Espiritismo, incluindo um resumo de *O Livro dos Espíritos* e outro de *O Livro dos Médiuns*.

Nesta época de propagação intensiva do Espiritismo, quando tantas deturpações e interpretações pessoais ameaçam a estrutura da doutrina, o ideal seria que todos os espíritas procurassem se abeberar, de quando em quando, no citado livrinho, mergulhando na leitura e meditação dos seus ensinamentos, antes de forjar por conta própria as soluções mais fáceis que a imaginação costuma dar a todos os problemas humanos.

Espiritismo é Doutrina

Muitas pessoas, atraídas ao Espiritismo pela força dos fatos, mas pouco afeitas à leitura e ao estudo, costumam praticá-lo através dos anos como quem pratica um ofício qualquer, aprendido na prática, numa pequena oficina de arrabalde. E assim fazendo, ignoram a estrutura doutrinária, forjam para si mesmas uma interpretação do Espiritismo e procuram propagá-la como se fosse a suprema verdade.

Conheço um ilustre advogado que assim procede e que por isso mesmo se tornou vítima de terríveis mistificações. Vive atormentado por inúmeros problemas que na realidade não existem e costuma dizer que o Espiritismo é verdadeiro emaranhado, em que a mente humana se perderá, se quiser esquadrinhá-lo. Respondi-lhe, certo dia, que o Espiritismo é um copo d'água, transparente e cristalino, sem qualquer espécie de complicação ou de obscuridade, e ele me contradisse com ardor,

perdendo-se nos meandros da própria imaginação. Como vimos, porém, nas páginas anteriores, o Espiritismo é doutrina perfeitamente firmada, de estrutura definida, de princípios estabelecidos, e basta ordenarmos os nossos conhecimentos a seu respeito, para dele termos uma visão clara e perfeita.

Como doutrina, o Espiritismo envolve três aspectos fundamentais: *é ciência, filosofia e religião*. Muitas pessoas dizem que bastaria isso para tudo confundir na sua mente. Não entendem a possibilidade de conciliação entre esses ramos diversos e aparentemente contraditórios ou antagônicos do conhecimento humano. Se quisessem, porém, ler e meditar com atenção, em breve compreenderiam que justamente essa fusão dos diferentes aspectos do conhecimento é o que dá ao Espiritismo a inteireza mais completa e a mais absoluta coerência. Ele não divide nem subdivide a vida, o mundo, o pensamento, o conhecimento. Reúne, engloba todas as coisas numa concepção única, demonstrando a unidade fundamental de tudo quanto existe.

O Triângulo de Emmanuel

Não vimos ainda mais bela e perfeita definição do Espiritismo do que a feita por Emmanuel, na introdução do livro *O Consolador*, recebido psicograficamente por Chico Xavier. Diz ele, na referida obra:

> "Podemos tomar o Espiritismo como um triângulo de forças espirituais. A ciência e a filosofia vinculam à terra essa figura simbólica, porém a religião é o ângulo divino, que a liga ao céu."

Já vimos que a definição de Kardec concorda plenamente com esta. Diz Kardec que o Espiritismo é ciência e filosofia, de conseqüências morais. Como ciência, ele se ocupa da origem e destino dos espíritos, e das suas relações com o nosso mundo. Como filosofia, interpreta as conseqüências morais, decorrentes da observação científica dos fatos espíritas. Como religião, ele resume as últimas conseqüências do estudo científico e das conclusões filosóficas, para indicar ao homem o rumo seguro da

sua evolução espiritual, em direção à perfeição e, conseqüentemente, a Deus.

Negando que o Espiritismo seja religião, alguns espíritas se apegam às próprias declarações de Kardec, peremptoriamente formuladas no mesmo livrinho acima citado, de que a doutrina é científica e filosófica, e não religiosa. Devemos compreender, porém, que Kardec defendia o princípio de que o Espiritismo devia auxiliar as religiões na luta contra o materialismo. Não se destinava a fundar na terra uma nova igreja, mas fortalecer as igrejas existentes, do ponto de vista espiritual, ajudando-as a colimar os seus fins, a começar pela própria reforma dos seus princípios. É evidente que ao tratar das conseqüências morais da doutrina, ao estudar a sua influência na vida do homem, ao escrever *O Evangelho* e as preces, que se seguem ao mesmo, Kardec não fez apenas uma afirmação por meio de palavras, mas demonstrou, de maneira concreta, através de atos inequívocos, a sua certeza de que o Espiritismo, não sendo embora uma religião organizada, segundo o sistema clássico, era religião na mais pura, elevada e perfeita acepção do termo.

Aliás, no próprio livro *O que é o Espiritismo*, no terceiro diálogo, encontramos esta passagem definidora:

> "O Espiritismo era apenas uma doutrina filosófica. Foi a igreja que lhe avultou as proporções, apresentando-o como inimigo terrível. Foi ela, enfim, quem o proclamou como nova religião. Esse foi um golpe inábil; a paixão não permite o raciocínio."

Não vemos, ademais, como se poderá negar a uma doutrina que trata da imortalidade da alma, da existência de Deus, do culto que o homem lhe deve, do destino do espírito após a morte, a natureza profundamente religiosa que esses atributos lhe dão. As divergências de opinião se originam, nesse terreno, de uma simples incompreensão. O Espiritismo não é uma religião no sentido clássico, dotada de um corpo sacerdotal e de um sistema litúrgico especial. Mas é simplesmente religião, contendo os princípios essenciais de que se serviram as religiões para criar o seu aparato exterior e fundar as igrejas.

No Brasil, aliás, tudo indica que o Espiritismo está caminhando no sentido da formação de uma verdadeira igreja espírita, com hierarquia e culto, à maneira do que já fizeram, nos Estados Unidos, algumas centenas de espíritas de origem protestante. Só nos resta, diante dos fatos que se precipitam, fazer o possível para manter a integridade da doutrina, o seu espírito de liberdade, através dos sistemas amplos, de deliberação coletiva, o princípio do voto individual e direto para a escolha dos organismos dirigentes.

Os Dogmas do Espiritismo

Positivada, assim, a natureza tríplice do Espiritismo, como ciência, filosofia e religião, devemos apreciar os princípios fundamentais da doutrina, que se resumem nos seguintes dogmas:

a) Deus é a inteligência suprema do Universo, causa primária de todas as coisas;

b) O homem, criado por Deus, deve amá-lo sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo;

c) Tríplice é a natureza do homem, que se constitui de espírito, perispírito e corpo material;

d) O espírito preexiste e sobrevive ao corpo, que lhe serve apenas para a realização de experiências de natureza evolutiva, no mundo material;

e) O perispírito é um corpo espiritual, duplo do corpo físico, e meio de ligação entre o espírito e o corpo;

f) A morte é o processo de desencarnação do espírito, ou seja, do seu desprendimento do corpo material, tornado imprestável pela doença, pela velhice ou por um acidente;

g) As encarnações do espírito são sucessivas e progressivas, provindo dos reinos inferiores da natureza e prosseguindo através da evolução moral e espiritual do ser, até os mais elevados estágios da perfeição;

h) A lei da reencarnação implica o efeito das conseqüências ou causas da vida anterior, na seguinte, de maneira que o homem é hoje o resultado do que foi no passado, e assim por diante;

i) Tríplice é também a natureza do Universo, que se constitui de:

- Deus – causa primária,
- Espírito – princípio inteligente, e
- Matéria – elemento passivo;

j) O elemento espiritual preexiste e sobrevive ao material, é a sua causa imediata e o seu imediato fim, e tudo o que existe no mundo material provém do mundo espiritual e a ele retorna, no incessante processo da evolução de todas as coisas;

k) Os espíritos povoam o elemento espiritual, que circunda e interpenetra o material, vivendo, portanto, ao nosso redor, de maneira invisível para o sentido visual comum, mas perceptível pelo aprimoramento das qualidades próprias de que o homem é dotado, e participam da vida humana, influenciando-a para o mal ou para o bem;

l) O mundo espiritual apresenta uma gradação infinita de seres, conseqüência natural da lei de evolução, que vai desde o espírito que ainda se prende à matéria e se julga encarnado, até os mais elevados seres, dos quais Jesus, o Cristo, é o supremo exemplo de que o homem tem notícia;

m) Os espíritos não só influenciam os homens, como podem comunicar-se com eles, através das várias modalidades de mediunidade: a intuitiva, a de incorporação, a de efeitos físicos, a de materialização, a de voz-direta, a audiente, a vidente, e diversas outras;

n) Os homens exercem influência sobre os espíritos que vivem nas proximidades da terra, podendo atraí-los consciente ou inconscientemente e orientá-los, esclarecê-los, doutriná-los durante as sessões práticas de Espiritismo;

o) A prece e a concentração mental com objetivos elevados são meios de vibração que o homem dispõe para atrair ou afastar as influências espirituais e orientar o seu próprio pensamento;

p) Cada homem está sob a influência benéfica de um espírito protetor, ou guia espiritual, que é o anjo guardião das religiões, e sob o amparo dos espíritos familiares e amigos, que procuram auxiliá-lo, assim como sob a influência malfazeja de espíritos inferiores e de adversários e inimigos da presente ou de passadas existências;

q) Pela sua conduta e sua firmeza no bem, o homem se liberta das más influências e ajuda os seus inimigos a se melhorarem;

r) As relações entre os espíritos e os homens se baseiam nas leis de vibração mental e emocional, sendo inútil e prejudicial o uso de símbolos, gestos, vestimentas próprias, queima de ingredientes como incenso e arruda e outros aparatos exteriores, para a prática de sessões e de outros meios de afastamento dos maus espíritos;

s) O amor de Deus é extensivo a todas as criaturas, sem qualquer distinção, não havendo razão de ser para a existência de sacramentos como o batismo, o casamento religioso, a extrema-unção e outros;

t) A lei de causa e efeito preside a todos os processos da vida, tanto no terreno material quanto no moral e espiritual, e a salvação dos homens está nas suas próprias mãos;

u) A caridade é a lei principal da evolução do espírito e se traduz, não na simples distribuição de esmolas, mas no amor do homem pelo seu semelhante e por tudo quanto existe, pelo que o Espiritismo adota como lema a seguinte frase: *Fora da caridade não há salvação*;

v) O Universo é infinitamente habitado, e os mundos que rolam no espaço carregam humanidades que não conhecemos, mas que se ligam a nós pela lei da solidariedade universal;

w) Todo o Universo conhecido é um processo único de evolução, que o homem tem a possibilidade de integrar de maneira consciente, desde que se decida a acelerar a própria evolução.

A palavra *dogma* suscita desconfiança no meio espírita, em virtude da campanha provocada pelos dogmas da Igreja. Devemos lembrar que a ciência também se baseia em *dogmas*, pontos firmados da sua doutrina de interpretação do mundo fenomênico.

Dogma é todo princípio fundamental de um sistema filosófico, científico ou religioso. A diferença entre os dogmas da Igreja e os do Espiritismo se funda na própria natureza de uns e de outros. Os dogmas da Igreja são fundados em suposições e impostos autoritariamente à razão. Os dogmas do Espiritismo são, como os da ciência, fundados na observação e na experiência, e oferecidos à razão como as conclusões lógicas a que se pode chegar, para a interpretação dos fatos. Como disse Kardec, os dogmas ou princípios do Espiritismo não são rígidos, podendo ser alterados pela demonstração evidente de princípios contrários. Até hoje, porém, os dogmas fundamentais da doutrina, de que demos acima uma interpretação, não sofreram nenhuma contestação científica positiva, mas apenas contradições filosóficas. Ora, como contra fatos não há argumentos e os fatos continuam a sustentar esses princípios, eles prevalecem.

Poderiam dizer-nos que, se os dogmas são susceptíveis de revisão, a doutrina não está firmada. Responderíamos que o Espiritismo não pretende transformar-se num sistema ossificado, sem plasticidade, e por isso mesmo incapaz de interpretar a infinita fluidez e plasticidade da vida. Assim como não se pode interpretar, mas apenas figurar, de maneira precária, o movimento, no quadro fixo, também não se pode interpretar a vida e o mundo numa doutrina estratificada.

Diriam, talvez, os adversários que o Espiritismo é precário, uma vez que a negação científica de um dos seus dogmas fundamentais, como a da independência do espírito, poria abaixo toda a estrutura doutrinária. Não tenhamos dúvidas a respeito. De fato, se nos provarem, cientificamente, que o espírito não passa de efeito e não causa, o Espiritismo estará falido e o abandonaremos imediatamente. Até lá, porém, continuaremos com ele. Mesmo porque, como já demonstramos nas páginas anteriores, consideramos ocorrido justamente o contrário, ou seja, o Espiritismo já demonstrou experimentalmente a independência do espírito, e com isso derrogou um dos dogmas fundamentais da ciência materialista, que subsiste apenas, graças à capacidade de teimosia do espírito humano.

Culto Espírita

O Espiritismo não possui nem recomenda a prática de qualquer espécie de culto exterior. Pelo contrário, condena essas práticas, no âmbito da doutrina, como prejudiciais, por desviarem o homem do único e verdadeiro culto, que é o interior, o do coração e da consciência.

Os espíritas que usam altares, que consideram a mesa de sessões como objeto sagrado, que se servem de imagens de santos e outros objetos religiosos para a evocação dos espíritos, que usam vestimentas especiais para os médiuns ou o presidente dos trabalhos, que se entregam a defumações e queimam incenso, velas, arruda e outros ingredientes nas sessões, estão em contradição com os princípios da própria doutrina que dizem professar. Assim também os que fazem batizados, casamentos e até recomendações de defuntos. São pessoas apegadas a costumes religiosos que não pertencem ao Espiritismo, que nada tem a ver com a doutrina e a sua prática.

O culto espírita é puramente interior. O único elemento material desse culto é a prece, que pode ser feita em silêncio ou em voz alta, isoladamente ou em conjunto, sem qualquer inconveniente. Fora da prece, nada mais é perceptivo no culto espírita, que se resume no cultivo dos sentimentos e dos pensamentos do homem, com vistas ao seu aprimoramento moral e intelectual.

Vida e Morte sem Sacramentos

A vida e a morte do verdadeiro espírita decorrem, portanto, sem qualquer espécie de sacramento. Ele nasce pela graça de Deus, e o simples conhecimento dessa verdade universal o liberta da obrigação religiosa do batismo. Ele vive para se aproximar de Deus e isso lhe basta para o livrar das penitências e outros atos exteriores que não mais o ajudam a alcançar os seus objetivos vitais. Ele morre na graça de Deus, terminado o prazo da sua encarnação, e volta para o mundo dos espíritos, onde receberá a recompensa natural das suas boas ações na vida física. Não precisa de recomendações a Deus, pois as leis de Deus estão

acima das convenções humanas e não se deixam iludir pelo simples uso de práticas religiosas convencionais.

Quanto ao batismo, alegam algumas pessoas que é prática eminentemente cristã e devia ser, por isso mesmo, seguida pelos espíritas. Contradiremos essa afirmativa, lembrando que Jesus nunca batizou e que o mais ardoroso dos seus pregadores, Paulo de Tarso, batizou apenas uma vez, em atenção às injunções do momento.

Batismo quer dizer iniciação e na época de Jesus foi usado apenas como meio de despertar a atenção dos homens de então para a realidade da nova doutrina que o Messias trazia à Terra. Essa prática foi deturpada por várias igrejas cristãs, que a converteram em simples interpretação sacramental de dogmas teológicos. O espírita se sujeita apenas a um batismo, o do espírito, ou seja, o da compreensão.

O próprio João, o precursor, anunciou que o Cristo não batizaria em água, mas no fogo e no Espírito Santo. O fogo do entusiasmo pelos novos princípios, o Espírito Santo da compreensão espiritual da vida e do mundo, são esses apenas os elementos do batismo espírita, que não pode ser ministrado a nenhuma criança ainda em fase de inconsciência, mas somente à criatura consciente.

Preces de Gratidão

Nada impede – e pelo contrário, tudo recomenda – que os espíritas usem, entretanto, em substituição aos sacramentos da igreja, a prática salutar da prece. Quando nasce uma criança, o pai e a mãe, em doce concentração, podem elevar o pensamento a Deus, agradecendo a oportunidade de nova encarnação concedida ao reencarnado, e a alegria trazida ao lar pela presença do filho.

Por ocasião do casamento, uma pessoa da família, ou amiga, pode pronunciar uma prece de agradecimento a Deus pela realização do ato feliz, pedindo ao mesmo tempo a bênção divina e a assistência dos bons espíritos para a nova forma de vida que os noivos iniciam.

Quando morre uma pessoa, é atitude digna e bela o pronunciamento de uma prece, em favor da alma recém-liberta. Tudo, porém, feito segundo as normas espíritas, sem qualquer sistema especial, com a mais absoluta espontaneidade.

Síntese Final

Podemos, já agora, chegar ao fim do nosso trabalho, tentando elaborar uma síntese final do Espiritismo, nos seguintes princípios gerais:

1) Deus é a inteligência suprema do Universo, causa primária de todas as coisas, e o homem é a individualização do princípio inteligente universal, refletindo a imagem do Criador no seio da criação;
2) O Universo é um processo geral de evolução, em que todas as coisas e todos os seres caminham do menor para o maior, do mal para o bem, das trevas para a luz, do caos para a ordem, do inconsciente para o consciente, através de leis imutáveis, que a tudo presidem e relacionam, tanto no plano material quanto no moral e espiritual;
3) O homem é a resultante de longa elaboração do princípio inteligente, no seio da matéria através das formas orgânicas, mas ainda não chegou ao seu fim, continuando essa elaboração a se processar no tempo e no espaço, em direção a um ideal de perfeição, imanente no próprio Universo;
4) Há seres inferiores e superiores ao homem, pertencentes à escala humana, e dos quais podemos ver alguns exemplos na própria Terra, entre as raças primitivas e os indivíduos geniais, destacando-se entre estes a figura ímpar do Cristo, como perfeito modelo da mais alta expressão humana conhecida no planeta;
5) O homem, graças à sua natureza espiritual, pode tomar conhecimento do chamado Universo supranormal ou hiperfísico, entrando em relação direta ou indiretamente com os seres imateriais, inclusive os próprios homens libertados do organismo físico pelo processo comum da morte.

Rumo às Estrelas

Assim, como afirma Dennis Bradley, não estamos parados na Terra, fixados, como dolorosos bonecos movidos por cordões

invisíveis, num pequenino ponto do Universo, a face material do planeta em que decorrem as nossas dores e angústias passageiras. Não somos galés da fatalidade, nem simples fogos fátuos que se acendem e apagam, ininterruptamente, no breve intervalo entre o berço e o túmulo. Não somos também o absurdo joguete de uma realidade universal "nominalista", que, através de nossas individualidades múltiplas e sem sentido, procuraria a consciência de si mesma. Além da concepção estratificada dos dogmas de fé e além da suposição incoerentemente transcendental da ciência materialista, o Espiritismo nos leva à convicção racional de que somos espíritos em evolução através do tempo e do espaço, partículas de um todo que é a Humanidade universal, e caminhamos da Terra em direção às estrelas.

"Na casa de meu pai há muitas moradas", afirmou o Cristo aos seus discípulos. No Universo infinito há inumeráveis mundos habitados. E o destino do homem não é o simples mergulho de uma gota d'água no oceano, mas o encontro consciente de uma realidade superior, de que nos dão notícia os que, como o Buda e o Cristo, atingiram os cumes da consciência liberta da prisão da forma.

Vinde a mim, todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, e eu vos aliviarei, repete o Espiritismo aos homens de hoje. Porque os seus ensinamentos dão segurança ao espírito atribulado, consolam os aflitos e desesperados, e abrem à Humanidade sem rumo da era científica, ameaçada de auto-destruição, as portas largas e luminosas de uma compreensão mais humana da vida e do mundo.

Que o contradigam os negativistas, os que não crêem nem podem crer nessa nova e mais ampla visão universal. Mas, quando quiserem nos acusar de visionários, de sonhadores inconseqüentes, de amantes do maravilhoso, que verifiquem primeiro as suas próprias convicções, as bases frágeis em que assentam, já não digamos seus sonhos, mas os seus pesadelos. E, quando quiserem negar a evidência dos fatos, em que baseamos solidamente a nossa crença, que realizem pesquisas e investigações mais profundas, mais sistemáticas, mais constantes, mais sérias, mais científicas do que as realizadas pelos que nos deram

a incomparável bagagem da bibliografia metapsíquica e espírita. Não nos podem contentar, já agora, as simples palavras e as suposições dos que se dizem entendidos. Mais alto do que os argumentos falam os fatos. E os fatos estão aí, na frente de todos, como um desafio permanente.

FIM